

CLAVIS LIBRI · GUIA DE LEITURA

JÚLIO CÉSAR

William Shakespeare · 1599

Bruto mata César em nome da liberdade de Roma, e a palavra de Marco Antônio vira a cidade contra ele.

A OBRA

TÍTULO ORIGINAL	The Tragedy of Julius Caesar
PUBLICAÇÃO	Encenada em 1599; impressa em 1623, no Primeiro Fólio
GÊNERO	Tragédia romana em cinco atos
CENÁRIO	Roma; nos Atos IV e V, os acampamentos de Sárdis e Filipos
ÉPOCA	Roma, de 44 a 42 a.C.
NARRADOR	Não há: peça de teatro, em verso e prosa
PROTAGONISTA	Bruto, mais que César

TEMA CENTRAL

Um grupo de romanos honrados mata o homem que pode vir a ser rei antes que ele o seja, e a peça mostra o que o crime faz: o mito de César cresce na boca de Antônio e os conspiradores morrem na guerra civil que quiseram evitar. Bruto age por um futuro que ele mesmo imagina, o ovo da serpente, e a pergunta que fica é se é legítimo matar para impedir um mal que ainda não aconteceu.

O mal que Bruto quer impedir nunca chega a existir na peça; o que existe é o preço de ter impedido.

O FIO QUE ATRAVESSA A OBRA

Os fios que atravessam os cinco atos e a leitura da tradução.

O TIRANICÍDIO E O CRIME PREVENTIVO

O coração da peça. Bruto mata não pelo que César fez, mas pelo que poderia fazer, o ovo da serpente, e a pergunta que a peça deixa é se é legítimo matar para impedir um mal que ainda não se consumou. O ato preventivo cria o futuro que temia.

Bruto crê que César coroado se tornará peçonhento. Antecipar o golpe seria esmagar a serpente antes que ela mate.

Bruto (sobre César): "E devo então pensar que é o ovo da serpente: / Ao ser chocado, há de tornar-se peçonhento, / **E é preciso matá-lo ainda na casca.**" (Loc. 1502) A justificativa do crime preventivo.

Júlio César

O tiranicídio preventivo não impede a tirania: produz a guerra civil, as proscricções e a ascensão de Otávio, ou seja, exatamente o império que se queria evitar. E há a ironia da introdução: ao morrer, César se torna mito e "devora toda Roma" pela boca de Antônio. O remédio gera a doença em escala maior.

ESTOICO X EPICURISTA: BRUTO E CÁSSIO

A chave de leitura da introdução. Cássio, o epicurista, age por **ressentimento** de uma grandeza fora do seu alcance. Bruto, o estoico, age por **temor abstrato do poder ilimitado**, sem ódio pessoal. Dois

móveis diferentes para o mesmo punhal, e o estoico é quem dá legitimidade moral ao crime. O veredito de Antônio no Ato V, que reconhece em Bruto o mais nobre dos romanos e o único conspirador que agiu pelo bem comum, e não por inveja, separa o estoico do epicurista ressentido.

DESTINO, FORTUNA E LIVRE-ARBÍTRIO

A peça é cercada de presságios, mas suas falas mais fortes afirmam a liberdade: "a culpa não está em nossos astros, mas em nós mesmos" (Loc. 1021) e "Conhecemos teus desígnios, Fado" (Loc. 2384). Contra isso, a **Fortuna** que "distribui seus sorrisos democraticamente" e a tudo ludibria (Loc. 574; 3023). A tensão nunca se resolve.

Cássio: "Andamos entre as pernas do gigante, / Em busca de um sepulcro desonroso. Os **homens regem seu destino às vezes; / A culpa não está em nossos astros, / Por sermos serviçais, mas em nós mesmos.**" (Loc. 1021)

Júlio César

A RETÓRICA E O MITO DE CÉSAR

César vivo é um homem; César morto vira mito pela "perigosa eloquência de Antônio". A palavra é a arma decisiva: a oração fúnebre de Antônio, fingendo-se neutro e repetindo com ironia que Bruto é um homem honrado, inverte a multidão que a lógica de Bruto havia convencido. A razão de Bruto convence; o pathos de Antônio arrasta.

A LIBERDADE PELA MORTE (O SUICÍDIO ESTOICO)

"Todo escravo tem nas próprias mãos o poder de extirpar seu cativeiro" (Loc. 1359). O fio que liga Cássio e Bruto: a morte voluntária como a última liberdade que a tirania não alcança. No Ato V, Cássio, julgando por engano que tudo está perdido, ordena que o servo Píndaro, que fica livre com esse gesto, o mate com a mesma espada que ferira César: o conspirador morre pelo instrumento do próprio crime, e o suicídio estoico anunciado no Ato I se cumpre. Fecha em "Bruto só tombou perante Bruto" (Loc. 4309).

O IDEALISTA E A CONSEQUÊNCIA

Ecoa **Macbeth** pelo avesso: lá a ambição corrompe; aqui o ideal cega. Em ambos, forçar o curso da história desaba sobre o autor do ato. Bruto poupa Antônio e o deixa falar: dois erros de homem honrado. A pureza moral desarmada de prudência política é catastrófica: a república que Bruto quis salvar morre com ele, e nasce o Império.

BRUTO ENTRE DANTE E SHAKESPEARE: TRAIADOR OU HERÓI?

A mesma figura recebe dois veredictos opostos, separados por quase três séculos.

- Em Inferno (Canto XXXIV, o **nono círculo**, a Giudecca, dos traidores dos benfeitores), **Lúcifer** tem três faces e cada boca tritura um traidor. Na boca central, **Judas Iscariotes**, de cabeça para dentro; nas duas bocas laterais, **Bruto e Cássio**, pendurados pelas pernas. Para Dante, são os

três **arquitradores** da história: Judas traiu Cristo (a autoridade divina); Bruto e Cássio traíram César (a autoridade imperial, que Dante via como querida por Deus). O tiranicídio, aqui, é o pior dos pecados.

- Cronologia que dá o contraste: a *Divina Comédia* (concluída por volta de 1320) é anterior à peça de Shakespeare (c. 1599). A condenação medieval de Bruto ao fundo do inferno **vem antes**, e Shakespeare, quase 300 anos depois, faz o caminho inverso: eleva o mesmo Bruto a "**o mais nobre romano de todos eles**". Onde Dante vê o traidor máximo, ao lado de Judas, Shakespeare vê o idealista trágico.

A HISTÓRIA POR TRÁS DA PEÇA

A peça é uma fatia estreita de um drama histórico muito maior. Vários personagens que aparecem (ou não) tiveram destinos decisivos fora dela.

CÍCERO: O MAIOR ORADOR QUE NÃO CONSPIROU

- Aparece na peça: brevemente na **cena 3 do Ato I**, citado por Bruto na **cena 2 do Ato I** (Loc. 1075), e sua morte nas proscrições chega na **cena 3 do Ato IV** (Loc. 3524).
- Cícero foi o **maior orador de Roma** e um dos maiores da história, autor das **Catilinárias** (63 a.C.), os discursos contra a conspiração de Catilina ("Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?").
- Não participou da morte de César. Os conspiradores o consideraram cauteloso e falador demais para confiar nele; ele aprovou o ato só depois.
- Morreu na sequência: executado em 43 a.C. nas proscrições do Segundo Triunvirato, a pedido sobretudo de Marco Antônio, em vingança pelas *Filípicas* (os discursos de Cícero contra ele). É a morte registrada na Loc. 3524 da peça.

MARCO ANTÔNIO E OTÁVIO (O FUTURO AUGUSTO)

- Marco Antônio: personagem central da peça; amigo, aliado e lugar-tenente de César, o orador que vira a multidão na oração fúnebre.
- Otávio aparece como Otávio (Octávio) nos Atos IV e V, sobrinho-neto e herdeiro testamentário de César. Só se tornaria **Augusto** em 27 a.C.: na peça ainda é o jovem herdeiro, não o imperador.

CLEÓPATRA: A AUSENTE QUE DECIDIU A HISTÓRIA

Cleópatra **não aparece** em Júlio César (é protagonista de Antônio e Cleópatra), mas pesou enormemente na história real, e não na do livro:

- Foi **amante de Júlio César**, com quem teve **um filho, Cesarião**.
- Depois foi amante de **Marco Antônio**, com quem teve **três filhos** (os gêmeos Alexandre Hélio e Cleópatra Selene II, e Ptolomeu Filadelfo).
- Otávio usou esse caso para tomar o poder no lugar de Antônio: transformou a ligação de Antônio com Cleópatra em propaganda, pintando-o como um romano "egipcianizado", traidor dos valores de Roma.

- O **testamento de Antônio** foi a arma final: Otávio o apreendeu (das mãos das virgens vestais) e o leu em público. O documento dizia que Antônio queria ser **enterrado no Egito**, ao lado de Cleópatra, um absurdo para um romano, e doava territórios romanos aos filhos dela (as "Doações de Alexandria"). O escândalo selou o apoio de Roma a Otávio, levando à batalha de **Áccio (31 a.C.)** e ao fim de Antônio e Cleópatra.

ENREDO

Júlio César, o general mais poderoso de Roma, volta vitorioso e é festejado pelo povo, enquanto alguns romanos temem que ele aceite a coroa e acabe com a República. A peça conta, em cinco atos, como a conspiração nasce, mata César e é destruída pelo que ela mesma desencadeou.

ATO I

Os tribunos Flávio e Marulo expulsam das ruas os artesãos que festejam o triunfo de César e vão tirar os enfeites das estátuas (cena 1). Na procissão das Lupercais, um adivinho previne César contra os Idos de Março, e Cássio, a sós com Bruto, diz que Roma se curva a um homem fraco. Bruto, que ama César, admite temer que o povo o faça rei. Casca conta que Antônio ofereceu três vezes uma coroa a César e que ele a recusou, e Cássio decide forjar cartas para empurrar Bruto (cena 2). Numa noite de tempestade e prodígios, Casca, assustado, encontra Cícero; Cássio, que anda de peito aberto sob os raios, ganha Casca para a conspiração ao saber que o Senado quer coroar César no dia seguinte, e Cina leva as cartas que Bruto vai achar (cena 3).

ATO II

Na madrugada dos Idos, Bruto, insone no pomar, conclui que César deve morrer pelo que poderá vir a ser, e Lúcio lhe entrega uma carta anônima que o chama a agir. Cássio chega com os conspiradores encapuzados; Bruto recusa o juramento, exclui Cícero e impede que Antônio seja morto, e combinam que Décio levará César ao Capitólio. Pórcia exige saber o segredo do marido e invoca uma ferida que se fez na coxa, e Bruto promete contar e recruta Ligário (cena 1). Na casa de César, Calpúrnia, que gritou em sonho que o matavam, e os augúrios, que não acharam coração no animal sacrificado, tentam impedi-lo de sair. Ele cede ao pedido da mulher, mas Décio reinterpreta o sonho e diz que o Senado vai lhe dar uma coroa naquele dia, e César sai com os conspiradores que vieram buscá-lo (cena 2). Artemidoro escreve uma carta que denuncia os conspiradores e decide esperar César na rua para entregá-la (cena 3). Pórcia, aflita, manda Lúcio ao Senado ver como está Bruto e quase deixa escapar o motivo da sua angústia (cena 4).

ATO III

No dia dos Idos, o Adivinho e Artemidoro tentam avisar César, que os ignora e entra no Senado. Os conspiradores o cercam sob o pretexto de um pedido de Metelo Címber, Casca dá o primeiro golpe e Bruto o último, e César cai. Antônio se aproxima, aparenta aliança e obtém licença de Bruto para falar no funeral, contra o conselho de Cássio; sozinho, jura vingança e manda avisar Otávio (cena 1). No Fórum, Bruto justifica o crime em prosa: amou César, mas amou mais Roma, e é aclamado. Antônio fala depois, em verso, elogia Bruto e repete que ele é honrado até a frase virar acusação, mostra o manto rasgado e lê o testamento, que deixa dinheiro a cada cidadão. A multidão sai para queimar as casas dos conspiradores, e Antônio sabe que Otávio já chegou a Roma (cena 2). O poeta Cina, tomado pelo conspirador de mesmo nome, é morto pela turba (cena 3).

ATO IV

Em Roma, Antônio, Otávio e Lépido marcam quem deve morrer, e Antônio trata Lépido como um burro que carrega ouro até onde o dono quer (cena 1). Perto de Sardes, Bruto estranha a frieza de Cássio, e os dois entram na tenda para não brigar à vista dos soldados (cena 2). Lá dentro Bruto acusa Cássio de vender cargos por ouro, a briga chega à ameaça, e os dois se reconciliam. Bruto revela que Pórcia morreu, chegam notícias das proscrições, e ele convence Cássio a marchar logo a Filipos. À noite, com os criados adormecidos, vê o espectro de César, que promete reencontrá-lo em Filipos (cena 3).

ATO V

Em Filipos, os generais dos dois lados trocam insultos, e Cássio, que seguia Epicuro, confessa que passou a dar crédito aos presságios; ele e Bruto se despedem sem saber se voltarão a se ver (cena 1). Bruto manda atacar de uma vez (cena 2). Cássio, vendo os soldados fugirem, manda Titínio verificar se as tropas distantes são amigas e, julgando-o capturado pelo relato de Píndaro, ordena que Píndaro o mate com a espada que matou César. Titínio volta com boas notícias, vê o corpo e se mata, e Bruto lamenta os dois (cena 3). Na confusão da batalha, o jovem Catão morre combatendo, e Lucílio se faz passar por Bruto para ser preso no lugar dele (cena 4). Cercado, Bruto pede a três companheiros que o matem, e eles se recusam; diz que o espectro de César lhe apareceu duas vezes e se lança sobre a espada que Estratão segura. Antônio elogia o morto como o mais nobre dos romanos, e Otávio manda dar-lhe honras fúnebres (cena 5).

RESUMO E ANÁLISE

ATO 1: O TRIUNFO E A SEDUÇÃO DE BRUTO

CENA I: OS TRIBUNOS DISPERSAM O POVO

Os tribunos Flávio e Marulo expulsam das ruas de Roma os artesãos que festejam o triunfo de César, e os acusam de esquecer Pompeu, a quem aclamavam antes. Dispersada a multidão, os dois vão tirar das estátuas os enfeites de César, apesar do aviso de que é a festa das Lupercais. Flávio explica o motivo: cortar as penas de César para que ele não voe alto demais e mantenha todos em servidão.

“These growing feathers pluck’d from Caesar’s wing / Will make him fly an ordinary pitch”, estas penas que crescem, arrancadas da asa de César, o farão voar numa altura comum (I.1)

CENA II: CÁSSIO TRABALHA BRUTO

Na procissão das Lupercais, **Júlio César** manda **Calpúrnia** ficar no caminho de **Marco Antônio**, e um adivinho o previne contra os Idos de Março. Sozinho com **Bruto**, **Cássio** diz que Roma se curva a um homem fraco, e Bruto, embora ame César, teme que o povo o faça rei. **Casca** conta que Antônio ofereceu três vezes uma coroa e César a recusou. Cássio decide forjar cartas para empurrar Bruto.

“Men at some time are masters of their fates: / The fault, dear Brutus, is not in our stars, / But in ourselves, that we are underlings”, os homens são às vezes donos do próprio destino: a culpa, caro Bruto, não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos, que somos subalternos (I.2)

Para pensar: Bruto diz amar César e, ao mesmo tempo, teme que o povo o faça rei. O que a conversa com Cássio faz com esse temor?

CENA III: A NOITE DE TEMPESTADE

Numa noite de tempestade e prodígios, **Casca** corre assustado ao encontro de Cícero, que desconfia de leituras apressadas dos sinais e se retira. **Cássio** chega de peito aberto aos raios e diz que o céu avisa contra um homem que cresceu demais. Ao saber que o Senado quer coroar César no dia seguinte, jura se matar antes de aceitar a servidão, e Casca adere. Cássio leva cartas para plantar onde Bruto as ache, e os dois decidem procurá-lo antes do amanhecer.

“Cassius from bondage will deliver Cassius”, Cássio livrará Cássio da servidão (I.3)

Para pensar: Casca e Cícero veem a mesma noite de prodígios e tiram conclusões diferentes. O que cada um faz com os sinais?

TEMA CENTRAL

Cássio trabalha Bruto por reflexo. Bruto diz que o olho só se vê por reflexo, e Cássio se oferece como o espelho que mostrará a Bruto o que ele ainda não sabe de si. Além de argumentar contra César, a

sedução trabalha com uma imagem de Bruto: o nome dele pesa tanto quanto o de César, e houve um Bruto antigo que não toleraria um rei em Roma. Bruto não promete nada, pede tempo para pensar, e mesmo assim o ato termina com Cássio dizendo que três partes dele já são suas.

César, ao ver Cássio passar, o chama de magro e faminto, diz que ele pensa demais e não se alegra com música nem com jogos, e que por isso é perigoso. Logo depois recua, diz que não o teme e que fala do que se deve temer, pois sempre é César. O retrato que César faz de Cássio é o do ressentido diante de alguém maior. Ele fala de si pelo próprio nome, porque sempre é César.

Quem fala do próprio nome como de uma força já se pensa mais que um homem.

O acontecimento mais grave do dia, a coroa oferecida e recusada, chega ao leitor pela voz de Casca, que desmonta o ritual: a recusa lhe parece teatro, a multidão aplaude como a plateia de atores, Cícero fala grego e Casca não entende. Casca diz que não prestou atenção, que tudo era bobagem, e mesmo assim acha que César a queria. O ponto decisivo fica sem resposta: ninguém sabe se César quer a coroa, e quem conta a cena já tem o desprezo pronto.

Destino e escolha aparecem lado a lado. Na cena II, Cássio diz que a culpa não está nas estrelas, mas em nós. Na cena III, ele mesmo lê a tempestade como aviso do céu contra César, enquanto Cícero lembra que os homens interpretam os fatos a seu modo. Cássio usa os sinais quando lhe servem, e a peça deixa ver essa conveniência sem comentá-la.

ATO II: A CONSPIRAÇÃO E A MANHÃ DOS IDOS

CENA I: O POMAR DE BRUTO

Na madrugada, **Bruto**, insone, conclui que César deve morrer pelo que poderá vir a ser. Lúcio lhe entrega uma carta anônima que o chama a agir. **Cássio** chega com os conspiradores encapuzados, e Bruto recusa o juramento, exclui Cícero e impede que Antônio seja morto. Combinam que Décio levará César ao Capitólio. **Pórcia** exige saber o segredo do marido e invoca uma ferida que se fez na coxa como prova de firmeza. Bruto promete contar e recruta Ligário.

“And therefore think him as a serpent’s egg / Which hatch’d, would, as his kind grow mischievous; / And kill him in the shell”, e portanto pense nele como num ovo de serpente que, chocado, se tornaria nocivo, como é da sua espécie; e mate-o na casca (II.1)

Para pensar: Bruto diz não ter motivo pessoal contra César e justifica a morte pelo que ele poderia se tornar. O que torna essa razão forte, e o que a torna frágil?

CENA II: CALPÚRNIA E A DECISÃO DE CÉSAR

Calpúrnia, que gritou em sonho que matavam César, e os augúrios, que não acharam coração no animal sacrificado, tentam impedi-lo de sair. **Júlio César** resiste, chamando de covardia o medo, e cede só ao pedido de Calpúrnia. Décio chega, reinterpreta o sonho como bom augúrio e diz que o Senado vai lhe dar uma coroa naquele dia. César manda buscar o manto e acolhe os

conspiradores, que vieram buscá-lo, enquanto Trebônio e Bruto comentam à parte o que esconde essa amizade.

“Cowards die many times before their deaths; / The valiant never taste of death but once”, os covardes morrem muitas vezes antes de morrer; o valente só prova a morte uma vez (II.2)

Para pensar: Calpúrnia e Décio pedem a César coisas opostas. O que dá ao apelo de um mais força que ao do outro?

CENA III: A CARTA DE ARTEMIDORO

Em uma rua perto do Capitólio, Artemidoro lê uma carta que escreveu, em que nomeia os conspiradores e avisa César de que todos têm um único propósito contra ele. Decide esperar César passar e entregar a carta como se fosse um pedido comum, na esperança de que ele a leia e se salve.

“security gives way to conspiracy”, a segurança abre caminho à conspiração (II.3)

CENA IV: PÓRCIA ESPERA NOTÍCIAS

Aflita, **Pórcia** manda Lúcio ao Senado ver como está Bruto, mas quase deixa escapar o motivo da sua angústia. Chega o Adivinho, que quer avisar César e teme ser esmagado pela multidão; Pórcia o interroga e ele se afasta para um lugar mais vazio. Sozinha, ela reza pelo êxito de Bruto, sente-se desfalecer e manda Lúcio de volta, com a ordem de trazer notícias.

“I have a man’s mind, but a woman’s might”, tenho a mente de um homem, mas a força de uma mulher (II.4)

TEMA CENTRAL

Bruto decide sozinho, antes que os conspiradores cheguem. Ele diz não conhecer causa pessoal contra César e admite que nunca viu as afeições de César pesarem mais que a razão. Por isso o argumento se constrói pelo futuro: como o caso não tem fundamento no que César é, deve-se moldá-lo, nas palavras dele, no que César poderia ser, e o poderoso que sobe a escada vira o alvo a ser contido antes de chegar ao topo.

O crime é decidido por uma imagem que Bruto mesmo escolhe.

Com os conspiradores, Bruto quer que o ato pareça limpo. Recusa o juramento, porque a honra de homens honrados dispensa promessa, quer que sejam sacrificadores e não açougueiros, poupa Antônio e pede que o rosto não revele o plano, como os atores romanos. O ato é pensado como sacrifício ritual, e quem o executa quer ser visto como purgador e não como assassino. Cássio avisa duas vezes sobre Antônio, e Bruto vence a discussão.

Pórcia e Calpúrnia aparecem em espelho. As duas ajoelham-se diante do marido e as duas pedem o mesmo, em nome de uma ligação conjugal: a segurança de um e o direito de saber do outro. Pórcia apoia o pedido na linhagem (é filha de Catão) e numa ferida na coxa que se infligiu, e Bruto promete

contar. Calpúrnia apoia o seu num sonho, César cede e a lisonja de Décio desfaz tudo. Na cena IV, Pórcia confessa que a firmeza que mostrou diante de Bruto não aguenta o suspense.

Décio anuncia na cena I o método que usará na cena II: ele sabe que César, quando lhe dizem que odeia adulares, concorda e fica ainda mais lisonjeado. Horas depois, ele muda o sentido do sonho, acrescenta a oferta da coroa e a ameaça do riso dos senadores, e o argumento que os avisos do céu não conseguiram sustentar cai por uma frase sobre medo. A fala de César, de que a morte vem quando vem, não resiste ao receio de parecer covarde.

ATO III: O ASSASSINATO E O FÓRUM

CENA I: O ASSASSINATO DE CÉSAR NO CAPITÓLIO

No dia dos Idos de março, o Adivinho e Artemidoro tentam avisar **Júlio César**, que os ignora e entra no Senado. Os conspiradores o cercam sob o pretexto do pedido de Metelo Címber, e **Casca** dá o primeiro golpe e **Bruto** o último. **Marco Antônio** se aproxima, aparenta aliança e obtém licença para falar no funeral, apesar do receio de **Cássio**. Sozinho, jura vingança e manda avisar **Otávio**.

“Cry havoc and let slip the dogs of war”, grite devastação e solte os cães da guerra (III.1)

Para pensar: Bruto concede a Antônio a palavra no funeral, contra o conselho de Cássio. O que ele parece esperar dessa concessão?

CENA II: OS DISCURSOS DE BRUTO E ANTÔNIO

No Fórum, **Bruto** divide a multidão com **Cássio** e justifica o crime em prosa: amou César, mas amou mais Roma. É aclamado e deixa a tribuna a **Marco Antônio**, que elogia Bruto, repete que ele é honrado até a frase virar acusação, mostra o manto rasgado e revela o testamento, com setenta e cinco dracmas para cada cidadão. A multidão sai para queimar as casas dos conspiradores, e Antônio sabe que **Otávio** já chegou a Roma.

“Friends, Romans, countrymen, lend me your ears; / I come to bury Caesar, not to praise him.”, amigos, romanos, compatriotas, emprestem-me os ouvidos; venho enterrar César, não elogiar-lo. (III.2)

Para pensar: Bruto e Antônio falam à mesma multidão em poucos minutos e obtêm reações opostas. O que cada um pede ao povo que faça com o que ouve?

CENA III: A MORTE DE CINA, O POETA

Cina, o poeta, sai de casa por causa de um sonho ruim e é cercado por cidadãos exaltados que saem do Fórum. Ele responde com brincadeiras e diz o nome, e a turba o toma pelo conspirador Cina. Mesmo quando ele grita que é o poeta, o grupo o ataca pelo nome e pelos maus versos, e parte para as casas dos conspiradores.

“It is no matter, his name’s Cinna”, não importa, o nome dele é Cina (III.3)

TEMA CENTRAL

O ato mostra o assassinato como cerimônia na cabeça de quem o comete. Bruto manda os conspiradores lavarem as mãos no sangue de César até os cotovelos e sair gritando "paz, liberdade" pelas ruas, e Cássio imagina a cena sendo encenada de novo por séculos, em línguas ainda desconhecidas. Eles falam do ato como obra já pronta, com sentido fixado de antemão.

O que a cena seguinte provoca é justamente o contrário: o sentido do crime depende de quem o conta depois.

Bruto e Antônio usam a linguagem de modos opostos. Bruto fala em prosa, pede que acreditem nele pela honra e oferece um argumento para ser julgado: amou César, mas amou Roma mais. Antônio fala em verso, diz que não é orador, repete "Bruto é um homem honrado" até a fórmula virar ironia, e troca o argumento por coisas que o povo pode ver e ganhar, o manto furado, as feridas, o testamento. Diante da mesma multidão, o primeiro obtém aplauso, e o segundo, ação.

O erro de Bruto é de julgamento sobre os outros. Ele poupa Antônio porque o considera sem malícia, e deixa que ele fale por acreditar que a razão exposta basta para convencer. Cássio enxerga o risco e o diz duas vezes, mas Bruto o vence nas duas. A cena do Cíno fecha o ato com o outro lado da liberdade proclamada: uma turba que já não distingue o poeta do conspirador e mata um homem por causa do nome.

ATO IV: A DISCÓRDIA NO ACAMPAMENTO

CENA I: A LISTA DOS CONDENADOS

Em Roma, **Marco Antônio** e **Otávio** sentam-se com Lépido para marcar quem deve morrer, e Lépido e Antônio aceitam incluir cada um um parente: o irmão de Lépido, o sobrinho de Antônio. Lépido sai para buscar o testamento de César, e Antônio o chama de homem insignificante, bom só para recados, e o compara a um burro que carrega ouro até onde o dono quer. Em seguida avisa Otávio de que Bruto e Cássio reúnem tropas e que é hora de fortalecer a aliança.

"He shall but bear them as the ass bears gold, / To groan and sweat under the business", ele apenas carregará essas honras como o burro carrega ouro, para gemer e suar sob o serviço (IV.1)

Para pensar: O que a conversa sobre Lépido mostra do modo como esses três pretendem dividir o poder entre si?

CENA II: CÁSSIO CHEGA A SARDES

Diante da tenda de **Bruto**, perto de Sardes, Lucílio conta que **Cássio** o recebeu com cortesia, mas sem a intimidade de antes. Bruto reconhece nisso um amigo que esfria e diz que o amor doente se enche de cerimônia forçada. Cássio chega com o exército e o acusa de tê-lo ofendido. Bruto pede que não briguem à vista dos soldados e leva a conversa para dentro da tenda, com a entrada guardada.

"When love begins to sicken and decay / It useth an enforced ceremony.", quando o amor começa a adoecer e a decair, recorre a uma cerimônia forçada (IV.2)

Na tenda, Cássio reclama que Bruto puniu um homem seu por suborno, e Bruto o acusa de vender cargos por ouro, lembrando que os conjurados mataram César por justiça. A discussão chega a ameaças, Cássio oferece o peito ao punhal, e os dois se reconciliam. Bruto revela que Pórcia morreu, chegam notícias das proscricções, e ele convence Cássio a marchar já a Filipos. Com os criados já adormecidos, Bruto vê o espectro de **Júlio César**, que promete reencontrá-lo em Filipos.

“There is a tide in the affairs of men, / Which, taken at the flood, leads on to fortune;”, há uma maré nos assuntos dos homens que, tomada na cheia, leva à fortuna (IV.3)

Para pensar: Cássio propõe esperar o inimigo e Bruto decide marchar logo a Filipos. Que argumento de cada um lhe parece mais forte?

TEMA CENTRAL

O ato mostra os dois campos corroídos por dentro. Em Roma, os três que governam já escolhem quem matar sem demora, e Antônio, contra a defesa de Otávio, trata o aliado Lépido como animal de carga, a quem se tiram as honras quando o trabalho acaba. No acampamento, a amizade de Bruto e Cássio chega à beira da ruptura, e a briga gira em torno da própria causa: Bruto acusa Cássio de vender cargos por ouro e pergunta se os que mataram César por justiça podem agora sujar as mãos com suborno.

A reconciliação é rápida, e a notícia de Pórcia muda o tom da cena. Bruto conta a Cássio que ela morreu, e Cássio se espanta de ter sobrevivido à discussão daquela hora. Pouco depois Bruto pergunta a Messala se as cartas trazem algo dela e só então, ao ouvir a confirmação, diz que aceita a perda como um romano. A cena guarda os dois momentos lado a lado, sem explicar a diferença.

A decisão de marchar a Filipos mostra Bruto convencido de que a hora é boa e que a causa está madura, e o argumento dele (a maré que se perde se não for tomada) é bem construído, mas Cássio cede sem insistir na própria opinião. O fantasma que aparece em seguida não discute a decisão: apenas diz que se verão em Filipos, e Bruto, ao acordar os criados, vê que ninguém mais notou nada.

ATO V: FILIPOS E A MORTE DE BRUTO

CENA I: PARLAMENTO E DESPEDIDA

Nas planícies de Filipos, **Otávio** e **Marco Antônio** discutem a posição de cada um, e Otávio impõe a sua. Os generais dos dois lados parlamentam, trocam insultos e ameaças, e voltam à batalha. **Cássio**, no dia do próprio aniversário, confessa a Messala que passou a dar crédito aos presságios: as águias do exército foram trocadas por corvos. Pergunta a **Bruto** o que fará se perderem, e os dois se despedem.

“But this same day / Must end that work the Ides of March begun;”, mas este mesmo dia há de terminar a obra que os Idos de Março começaram (V.1)

Para pensar: Bruto diz achar covarde matar-se por medo do que pode vir, mas recusa ser levado preso a Roma. Como as duas coisas que ele diz se conciliam, ou não se conciliam?

CENA II: A ORDEM DE BRUTO

No campo de batalha, **Bruto** manda Messala levar ordens às legiões do outro lado: quer atacar de uma vez, pois vê frieza na ala de Otávio.

CENA III: A MORTE DE CÁSSIO E DE TITÍNIO

Cássio vê os soldados fugirem, e Titínio explica que Bruto atacou cedo demais, enquanto Antônio cercou o resto. Cássio manda Titínio verificar se as tropas distantes são amigas, e Píndaro, do alto de um monte, relata que ele foi capturado. Julgando o amigo perdido, Cássio ordena que Píndaro o mate com a espada que matou César. Titínio volta com Messala e boas notícias, vê o corpo e se mata. **Bruto** chega e lamenta os dois.

“O Julius Caesar, thou art mighty yet! / Thy spirit walks abroad, and turns our swords / In our own proper entrails.”, ó Júlio César, tu és poderoso ainda! O teu espírito anda por aí e vira nossas espadas contra as nossas próprias entranhas (V.3)

Para pensar: Por que Titínio se mata em vez de apenas lamentar Cássio?

CENA IV: CATÃO E O FALSO BRUTO

Na confusão da batalha, **Bruto** anima os seus, e o jovem Catão grita o próprio nome e morre combatendo. Lucílio se faz passar por Bruto para ser preso no lugar dele e é levado a **Marco Antônio**, a quem afirma que nenhum inimigo jamais prenderá Bruto vivo. Antônio reconhece o engano, mas manda tratar o prisioneiro com gentileza.

“When you do find him, or alive or dead, / He will be found like Brutus, like himself”, quando o encontrarem, vivo ou morto, será achado como Bruto, igual a si mesmo (V.4)

CENA V: A MORTE DE BRUTO

Cercado e exausto, **Bruto** pede a Clíto, a Dardânio e a Volúmnio que o matem, e os três se recusam. Diz a Volúmnio que o espectro de César lhe apareceu duas vezes e que sua hora chegou. Estratão segura a espada, e Bruto se lança sobre ela, dizendo a César que já pode descansar. **Otávio** e **Marco Antônio** chegam, Antônio elogia o morto, e Otávio manda dar-lhe honras fúnebres.

“This was the noblest Roman of them all. / All the conspirators save only he, / Did that they did in envy of great Caesar.”, este foi o mais nobre dos romanos. Todos os conspiradores, menos ele, fizeram o que fizeram por inveja do grande César (V.5)

Para pensar: Antônio diz que Bruto foi o único conspirador movido pelo bem comum. Com o que a peça mostrou, você concorda?

TEMA CENTRAL

O ato devolve aos conspiradores a espada do assassinato. Cássio morre com a espada que atravessou César, e Bruto, em seu último verso, diz a César que o matou com menos vontade do que agora se mata. O espectro prometeu Filipos, e Bruto diz que sua hora chegou, com a batalha já perdida.

Duas mortes nascem de erro de percepção. Cássio, de longe, confia em Píndaro, que descreve a prisão de Titínio como certa, e Titínio, ao ver o corpo, entende que Cássio se enganou. Messala dá nome ao mecanismo: o Erro, filho da melancolia, mostra aos homens o que não existe e mata quem o gerou.

Bruto condena em V.1 a morte de Catão como covardia diante do que pode acontecer, e no fim dá a si mesmo a mesma morte. A peça não comenta a mudança. O texto deixa ver duas razões: não ser levado preso a Roma, o que ele diz com todas as letras, e a convicção de que o espectro já marcou o seu fim. Leio nisso uma filosofia que cede onde a honra e o presságio se juntam.

A última palavra sobre Bruto é de Antônio, o inimigo, que reconhece no morto o único dos conspiradores movido pelo bem comum. Otávio, que fecha a peça mandando recolher o campo, encerra o ato com a vitória do outro lado e honras militares para o derrotado. O elogio faz de Bruto o centro moral da tragédia, e a ordem de Otávio dá ao poder o último gesto.

TEMAS

PODER

Na **cena 1 do Ato I**, o tribuno Flávio manda tirar os enfeites de César das estátuas e explica o motivo: cortar as penas que crescem na asa de César para que ele não voe alto demais e deixe todos em servidão. Na **cena 2 do Ato I**, Cássio diz a Bruto que Roma se curva a um homem fraco, e César, ao ver Cássio passar, o chama de perigoso e fala do próprio nome como de uma força que nada teme. Na **cena 3 do Ato I**, Cássio sabe que o Senado quer coroar César no dia seguinte e jura se matar antes de aceitar a servidão.

Na **cena 1 do Ato II**, no pomar, Bruto raciocina sobre o poder que ainda não aconteceu: o abuso da grandeza vem quando ela separa a piedade do mando, e por isso César deve ser contido antes de chegar ao topo, como se mata a serpente no ovo. Na **cena 1 do Ato IV**, o poder já está nas mãos de outros: Antônio, Otávio e Lépido marcam quem deve morrer, e Antônio trata Lépido como um animal de carga, a quem se tiram as honras quando o trabalho acaba.

Na **cena 1 do Ato V**, em Filipos, Otávio impõe a sua posição a Antônio, e na **cena 5 do Ato V**, depois da morte de Bruto, é ele quem manda dar ao morto as honras fúnebres.

Em toda a peça o poder aparece mais como o que se teme dele do que como o que ele faz: Bruto mata César por uma coroa que ele recusou, e os que o vingam repartem as mortes e o comando com a frieza que Bruto temia ver no rei. O último gesto da peça é de Otávio, que ordena.

O tribuno diz o que quer fazer a César:

“These growing feathers pluck’d from Caesar’s wing / Will make him fly an ordinary pitch”, estas penas que crescem, arrancadas da asa de César, o farão voar numa altura comum (I.1)

Ato I: O triunfo e a sedução de Bruto

Bruto raciocina sobre o que César poderá ser:

“And therefore think him as a serpent’s egg / Which hatch’d, would, as his kind grow mischievous; / And kill him in the shell”, e portanto pense nele como num ovo de serpente que, chocado, se tornaria nocivo, como é da sua espécie; e mate-o na casca (II.1)

Ato II: A conspiração e a manhã dos Idos

Antônio descreve o aliado que não vale uma honra:

“He shall but bear them as the ass bears gold, / To groan and sweat under the business”, ele apenas carregará essas honras como o burro carrega ouro, para gemer e suar sob o serviço (IV.1)

Ato IV: A discórdia no acampamento

POLÍTICA

Na **cena 1 do Ato I**, os tribunos dispersam os artesãos que festejam o triunfo de César e os acusam de esquecer Pompeu, a quem aclamavam antes: a multidão muda de herói conforme o dia. Na **cena 1 do Ato II**, os conspiradores tratam o ato como causa pública: Bruto recusa o juramento, exclui Cícero da conspiração e impede que Antônio seja morto, e acerta que Décio levará César ao Capitólio.

Na **cena 1 do Ato III**, depois do golpe, Antônio aparenta aliança e obtém de Bruto licença para falar no funeral, contra o conselho de Cássio. Na **cena 2 do Ato III**, os dois falam à mesma multidão no Fórum: Bruto, em prosa, justifica o crime pelo amor a Roma e é aclamado; Antônio, em verso, mostra o manto rasgado e lê o testamento, e a multidão sai para queimar as casas dos conspiradores.

Na **cena 1 do Ato IV**, em Roma, Antônio, Otávio e Lépido marcam quem deve morrer, e Lépido e Antônio aceitam incluir cada um um parente. Na **cena 3 do Ato IV**, chegam ao acampamento as notícias das proscuições, e as cartas de Bruto e de Messala não concordam sobre o número de mortos.

A peça mostra três políticas lado a lado: a do povo, que aplaude quem fala por último; a dos conspiradores, que tratam a república como causa pura e esquecem de calcular o que o povo fará; e a dos três que ficam, que a tratam como lista de nomes. A pureza moral de Bruto perde nas duas pontas.

Antônio abre o discurso que vira o Fórum:

“Friends, Romans, countrymen, lend me your ears; / I come to bury Caesar, not to praise him.”,
amigos, romanos, compatriotas, emprestem-me os ouvidos; venho enterrar César, não elogiá-lo. (III.2)

Ato III: O assassinato e o Fórum

Antônio, sozinho com o corpo de César, prevê a guerra que vem:

“Cry havoc and let slip the dogs of war”, grite devastação e solte os cães da guerra (III.1)

Ato III: O assassinato e o Fórum

O novo poder em Roma trata o aliado como carga:

“He shall but bear them as the ass bears gold, / To groan and sweat under the business”, ele apenas carregará essas honras como o burro carrega ouro, para gemer e suar sob o serviço (IV.1)

Ato IV: A discórdia no acampamento

LEALDADE E TRAIÇÃO

Na **cena 2 do Ato I**, Bruto diz amar César e, ao mesmo tempo, teme que o povo o faça rei; Cássio se oferece como espelho e trabalha esse temor, até decidir forjar cartas para empurrá-lo. Na **cena 1 do Ato II**, a conspiração se cerca de cuidados que são também de lealdade: Bruto recusa o juramento, porque a palavra de homens honrados dispensa promessa, e Pórcia exige saber o segredo do marido em nome da ligação conjugal.

Na **cena 2 do Ato II**, César acolhe em casa os conspiradores que vieram buscá-lo, enquanto Trebônio e Bruto comentam à parte o que essa amizade esconde. Na **cena 1 do Ato III**, os conspiradores o cercam

sob o pretexto do pedido de Metelo Címber, Casca dá o primeiro golpe e Bruto o último; Antônio se aproxima e aparenta aliança.

Na **cena 2 do Ato IV**, Cássio recebe Bruto com frieza, e Bruto reconhece nisso um amigo que esfria: o amor doente recorre à cerimônia forçada. Na **cena 3 do Ato IV**, a briga chega a ameaças, Cássio oferece o peito ao punhal, e os dois se reconciliam.

Na **cena 3 do Ato V**, Titínio, ao ver o corpo de Cássio, se mata, e Píndaro obedece à ordem de matar o próprio senhor. Na **cena 4 do Ato V**, Lucílio se faz passar por Bruto para ser preso no lugar dele. Na **cena 5 do Ato V**, Clito, Dardânio e Volúmnio recusam matar Bruto, e Estratão segura a espada.

A peça põe em choque duas lealdades: a que se deve a Roma, que manda ferir o amigo, e a que se deve ao amigo, que Bruto só encontra de volta no fim, nos que recusam matá-lo e naquele que segura a espada. O golpe de Bruto em César e a mão de Estratão em Bruto aparecem como as duas pontas do mesmo fio.

Bruto sente o amigo esfriar:

“When love begins to sicken and decay / It useth an enforced ceremony.”, quando o amor começa a adoecer e a decair, recorre a uma cerimônia forçada (IV.2)

Ato IV: A discórdia no acampamento

Lucílio, preso no lugar do amigo, diz como Bruto será achado:

“When you do find him, or alive or dead, / He will be found like Brutus, like himself.”, quando o encontrarem, vivo ou morto, será achado como Bruto, igual a si mesmo (V.4)

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

Antônio, sobre o corpo, aparta Bruto dos outros conspiradores:

“This was the noblest Roman of them all. / All the conspirators save only he, / Did that they did in envy of great Caesar;”, este foi o mais nobre dos romanos. Todos os conspiradores, menos ele, fizeram o que fizeram por inveja do grande César (V.5)

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

HONRA E REPUTAÇÃO

Na **cena 2 do Ato I**, Cássio diz a Bruto que o nome dele pesa tanto quanto o de César, e César, por sua vez, fala do próprio nome como de uma força que nada teme. A disputa de Roma começa como disputa de nomes. Na **cena 1 do Ato II**, Bruto quer que o ato pareça limpo: recusa o juramento, porque a honra de homens honrados dispensa promessa, e pede que sejam sacrificadores, e não açougueiros.

Na **cena 2 do Ato III**, no Fórum, Bruto pede que acreditem nele pela honra e oferece uma razão para ser julgada: amou César, mas amou mais Roma. Antônio repete que Bruto é um homem honrado, e a fórmula vai virando ironia até virar acusação.

Na **cena 3 do Ato IV**, Bruto acusa Cássio de vender cargos por ouro e pergunta se os que mataram César por justiça podem agora sujar as mãos com suborno. Na **cena 1 do Ato V**, Bruto diz achar covarde matar-se por medo do que pode vir, mas recusa ser levado preso a Roma. Na **cena 4 do Ato V**, o jovem Catão grita o próprio nome e morre combatendo, e Lucílio afirma que Bruto não será preso vivo.

Na **cena 5 do Ato V**, Bruto se mata, e Antônio o chama de o mais nobre dos romanos: o único conspirador que agiu pelo bem comum, e não por inveja.

Na peça, honra é o que cada um quer ser visto como: César, o nome acima dos homens; Cássio, o homem livre; Bruto, o sacrificador sem culpa. O título mais alto, o de mais nobre dos romanos, só vem da boca do inimigo, depois da morte.

Lucílio, preso no lugar de Bruto, diz como ele será achado:

“When you do find him, or alive or dead, / He will be found like Brutus, like himself”, quando o encontrarem, vivo ou morto, será achado como Bruto, igual a si mesmo (V.4)

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

Antônio, diante do corpo de Bruto:

“This was the noblest Roman of them all. / All the conspirators save only he, / Did that they did in envy of great Caesar;”, este foi o mais nobre dos romanos. Todos os conspiradores, menos ele, fizeram o que fizeram por inveja do grande César (V.5)

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

DESTINO E LIVRE-ARBÍTRIO

Na **cena 2 do Ato I**, Cássio diz a Bruto que os homens são às vezes donos do próprio destino e que a culpa não está nas estrelas, mas neles mesmos. Na **cena 3 do Ato I**, ele mesmo lê a tempestade como aviso do céu contra César, enquanto Cícero lembra que os homens interpretam os fatos a seu modo.

Na **cena 2 do Ato II**, Calpúrnia, os augúrios e o sonho tentam deter César, que responde que o fim marcado pelos deuses não se evita e que só os covardes morrem muitas vezes. Décio inverte o sonho, e César sai.

Na **cena 3 do Ato IV**, Bruto convence Cássio a marchar logo a Filipos com o argumento da maré que se perde se não for tomada, e, à noite, o espectro de César promete reencontrá-lo lá. Na **cena 1 do Ato V**, Cássio, que seguia Epicuro, confessa que passou a dar crédito aos presságios, e Bruto diz que aquele dia há de terminar a obra que os Idos começaram.

Na **cena 3 do Ato V**, diante dos corpos de Cássio e de Titínio, Bruto exclama que o espírito de César ainda é poderoso e vira as espadas dos romanos contra eles mesmos. Na **cena 5 do Ato V**, Bruto diz a Volúmnio que o espectro lhe apareceu duas vezes e que sua hora chegou, com a batalha já perdida.

A peça não escolhe entre destino e liberdade: dá a frase mais livre a Cássio, que logo lê o céu quando lhe convém, e faz Bruto decidir marchar por argumento próprio e depois tratar a morte como hora

marcada. Cada um usa o destino na hora em que lhe serve, e o texto mostra a conveniência sem comentá-la.

Cássio, a Bruto, sobre as estrelas:

“Men at some time are masters of their fates: / The fault, dear Brutus, is not in our stars, / But in ourselves, that we are underlings”, os homens são às vezes donos do próprio destino: a culpa, caro Bruto, não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos, que somos subalternos (I.2)

Ato I: O triunfo e a sedução de Bruto

César, diante dos augúrios:

“Cowards die many times before their deaths; / The valiant never taste of death but once”, os covardes morrem muitas vezes antes de morrer; o valente só prova a morte uma vez (II.2)

Ato II: A conspiração e a manhã dos Idos

Bruto, ao decidir marchar a Filipos:

“There is a tide in the affairs of men, / Which, taken at the flood, leads on to fortune;”, há uma maré nos assuntos dos homens que, tomada na cheia, leva à fortuna (IV.3)

Ato IV: A discórdia no acampamento

Bruto, diante dos corpos de Cássio e de Titínio:

“O Julius Caesar, thou art mighty yet! / Thy spirit walks abroad, and turns our swords / In our own proper entrails.”, ó Júlio César, tu és poderoso ainda! O teu espírito anda por aí e vira nossas espadas contra as nossas próprias entranhas (V.3)

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

LINGUAGEM E NARRAÇÃO

Na **cena 2 do Ato I**, o acontecimento mais grave do dia, a coroa oferecida e recusada, chega por voz de Casca, que desmonta o ritual: a recusa lhe parece teatro, a multidão aplaude como a plateia de atores, e Cícero fala grego e Casca não entende. O ponto decisivo, se César quer a coroa, fica sem resposta, porque quem conta já tem o desprezo pronto.

Na **cena 1 do Ato II**, Bruto decide a morte de César por uma imagem que ele mesmo escolhe, o ovo da serpente, e pede aos conspiradores que escondam o plano no rosto como os atores romanos. Na **cena 2 do Ato II**, a lisonja de Décio vence os avisos do céu: ele muda o sentido do sonho de Calpúrnia, acrescenta a oferta da coroa e a ameaça do riso dos senadores, e a frase sobre medo derruba o que o sonho e os augúrios não puderam.

Na **cena 2 do Ato III**, no Fórum, Bruto e Antônio usam a linguagem de modos opostos. Bruto fala em prosa, pede que acreditem nele pela honra e oferece um argumento: amou César, mas amou mais Roma. Antônio fala em verso, diz que não é orador, repete que Bruto é um homem honrado até a

fórmula virar ironia, e troca o argumento por coisas que o povo vê e ganha: o manto furado, as feridas, o testamento.

Na **cena 3 do Ato III**, o poeta Cina é cercado por cidadãos exaltados e, mesmo gritando que é o poeta, é atacado pelo nome e pelos maus versos.

Em toda cena em que algo se decide, quem conta decide: Casca com o desprezo, Bruto com a imagem, Décio com a lisonja, Antônio com o verso. O sentido do crime depende de quem o conta depois, e a cena do poeta mostra a face final disso, uma turba que mata um homem por causa de um nome.

Bruto escolhe a imagem que decide o crime:

“And therefore think him as a serpent’s egg / Which hatch’d, would, as his kind grow mischievous; / And kill him in the shell”, e portanto pense nele como num ovo de serpente que, chocado, se tornaria nocivo, como é da sua espécie; e mate-o na casca (II.1)

Ato II: A conspiração e a manhã dos Idos

Antônio abre o discurso que vira a multidão:

“Friends, Romans, countrymen, lend me your ears; / I come to bury Caesar, not to praise him.”, amigos, romanos, compatriotas, emprestem-me os ouvidos; venho enterrar César, não elogiá-lo. (III.2)

Ato III: O assassinato e o Fórum

A turba condena um homem pelo nome:

“It is no matter, his name’s Cinna”, não importa, o nome dele é Cina (III.3)

Ato III: O assassinato e o Fórum

PERSONAGENS

BRUTO

QUEM É

Bruto é o homem em quem Roma confia, e por isso o homem de quem a conspiração precisa. Ama **Júlio César**, não tem queixa pessoal contra ele, e mesmo assim lidera a morte dele, convencido de que o faz por Roma. Descende do Bruto que expulsou o rei Tarquínio, é casado com **Pórcia**, a filha de Catão, e é amigo e depois adversário de **Cássio**, que o seduz com um espelho. Quer que o ato pareça limpo e que os que o praticam sejam vistos como purgadores. Termina derrotado em Filipos, com a espada de Estratão, reconhecido por **Marco Antônio** como o único conspirador movido pelo bem comum.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, quando Cássio o convida para ver a corrida, Bruto diz que não é brincalhão e que passa por um conflito consigo mesmo. Cássio pergunta se ele vê o próprio rosto, e Bruto responde que o olho só se vê por reflexo, abrindo a porta para Cássio ser o espelho. Ao ouvir os gritos da multidão, teme que o povo escolha César como rei e acrescenta que, ainda assim, o ama bem. Cássio fala do nome de Bruto, que pesa tanto quanto o de César, e do Bruto antigo que não toleraria um rei em Roma. Bruto não promete nada: pede tempo para pensar e diz que prefere ser um aldeão a ser filho de Roma sob tais condições.

Na **cena 1 do Ato II**, antes que os conspiradores cheguem, decide sozinho no pomar. Diz não ter motivo pessoal contra César, só o receio de que ele possa se tornar com a coroa, e a razão que dá é de futuro:

“And therefore think him as a serpent’s egg / Which hatch’d, would, as his kind grow mischievous; / And kill him in the shell”, e portanto pense nele como num ovo de serpente que, chocado, se tornaria nocivo, como é da sua espécie; e mate-o na casca (II.1)

Ato II: A conspiração e a manhã dos Idos

Lúcio lhe entrega uma carta anônima que o acorda ("Bruto, tu dormes"), e ele a completa sozinho: Roma não pode ficar sob o domínio de um homem. Quando os conspiradores chegam de rosto coberto, recusa o juramento, porque a honra de homens honrados dispensa promessa, e recusa também Cícero, que não segue o que os outros começam. Impede que Antônio seja morto: quer que sejam sacrificadores e não açougueiros, e acha que Antônio, sem César, tem só a força do braço de quem perdeu a cabeça. Pede que a conspiração se esconda em sorrisos, como os atores romanos. Depois que os outros saem, Pórcia o interroga e se ajoelha, e Bruto promete contar o que pesa nele. Em seguida recruta Ligário, que joga fora a doença ao saber que Bruto tem uma empresa de honra em mãos.

Na **cena 2 do Ato II**, vai com os outros à casa de César buscá-lo e recebe o convite para beber vinho com ele. Em aparte, diz que nem todo semelhante é o mesmo, e que o coração dele se aperta ao pensar nisso. Na **cena 1 do Ato III**, desfere o último golpe e, depois do assassinato, pede que os romanos não fujam: a dívida da ambição está paga. Propõe que lavem as mãos no sangue de César até os cotovelos e saiam gritando "paz, liberdade". Recebe Antônio, que se oferece à morte, e o acolhe com

amizade. Concede a ele a palavra no funeral, contra o aviso de Cássio, mas com condições: ele fala primeiro, explica o ato, e Antônio só depois, sem culpar os conspiradores.

Na **cena 2 do Ato III**, no Fórum, divide a multidão com Cássio e fala em prosa. Diz que amou César, mas amou mais Roma, e pergunta quem seria tão vil a ponto de querer ser escravo, concluindo que não ofendeu ninguém. Diz que tem o mesmo punhal para si, caso Roma precise da morte dele, e é aclamado: um cidadão diz que ele devia ser César. Ao sair, pede que fiquem para ouvir Antônio.

Na **cena 2 do Ato IV**, em Sardes, ouve de Lucílio que Cássio o recebeu com cortesia, mas sem a intimidade de antes, e reconhece nisso um amigo que esfria. Na **cena 3 do Ato IV**, na tenda, Cássio reclama que Bruto puniu Lúcio Pella por suborno, e Bruto responde que o próprio Cássio tem a palma coçando e vende cargos por ouro. Lembra que os conjurados mataram César por justiça e conta que lhe pediu dinheiro para pagar as legiões e Cássio o negou. A briga chega a ameaças, os dois se reconciliam, e Bruto revela que Pórcia morreu. Pergunta a Messala, mais tarde, se as cartas trazem notícias dela e, ao ouvir a confirmação, aceita a perda como um romano. Contra Cássio, que prefere esperar o inimigo, decide marchar logo a Filipos, com o argumento da maré:

“There is a tide in the affairs of men, / Which, taken at the flood, leads on to fortune;”, há uma maré nos assuntos dos homens que, tomada na cheia, leva à fortuna (IV.3)

Ato IV: A discórdia no acampamento

Com os criados dormindo, vê o espectro de César, que diz ser o mau espírito dele e que o verá em Filipos.

Na **cena 1 do Ato V**, em Filipos, troca palavras duras com Antônio e Otávio e, na despedida, diz a Cássio que acha vil e covarde se matar por medo do que possa vir, mas que não irá preso a Roma, e que o dia há de terminar a obra que os Idos de Março começaram. Na **cena 2 do Ato V**, manda Messala dar a ordem de atacar, e na **cena 3 do Ato V** Titínio diz que Bruto deu o sinal cedo demais. Ao ver os corpos de Cássio e de Titínio, diz que o espírito de César ainda anda por aí e chama Cássio de último dos romanos. Na **cena 4 do Ato V**, anima os seus, e Lucílio se faz passar por ele e diz a Antônio que Bruto será encontrado igual a si mesmo. Na **cena 5 do Ato V**, cercado, pede a Clito, a Dardânio e a Volúmnio que o matem, e os três recusam. Diz a Volúmnio que o espectro lhe apareceu duas vezes e que a hora chegou, e Estratão segura a espada. Antes de se lançar sobre ela, diz a César que o matou com muito menos vontade do que agora se mata. Antônio o elogia diante de Otávio, e Otávio manda dar-lhe honras fúnebres.

TEMAS QUE ENCARNA

Bruto decide pelo futuro e pela imagem. Como não há causa pessoal, ele diz que é preciso moldá-la no que César poderia vir a ser, e molda também a figura do ato: sacrifício, não assassinato, sacrificadores, não açougueiros. Quer que a conspiração tenha a limpeza de uma cerimônia, e é isso que propõe aos conspiradores depois do golpe, com as mãos no sangue e o grito de liberdade pelas ruas.

O julgamento sobre os outros é onde ele falha. Poupa Antônio por achá-lo dado a esportes, extravagâncias e companhia, e não um perigo, deixa que ele fale por acreditar que a razão exposta basta, e Cássio avisa duas vezes e perde as duas. No Ato V, Titínio diz que Bruto deu o sinal de ataque cedo demais.

Na **cena 2 do Ato I**, Bruto diz que o olho só se vê por reflexo, e Cássio se oferece como espelho. Na **cena 4 do Ato V**, Lucílio diz que Bruto será achado igual a si mesmo, e na **cena 5 do Ato V** Antônio fala dele como do único conspirador que agiu pelo bem comum. A peça trata de um homem cuja imagem, desde o começo, depende de quem a segura, e em Filipos ela é segurada pelos que o derrotaram. A Honra e reputação aparece nele como o lugar onde a Lealdade e traição se embaralha: o mesmo homem que trai o amigo para ser fiel a Roma não aceita ser levado preso a Roma.

RELAÇÕES

- **Cássio**: quem o seduz no Ato I e quem briga com ele na tenda, em Sardes; o amigo que ele reconhece esfriando e chama de último dos romanos.
- **Júlio César**: o amigo que mata por Roma e que volta como espectro, a quem diz, ao morrer, que se mata com mais vontade do que o matou.
- **Pórcia**: a esposa que exige o segredo dele, e cuja morte ele conta a Cássio na tenda.
- **Marco Antônio**: o homem que ele poupa e a quem deixa a palavra, e que o elogia no fim.
- **Casca**: o conspirador que dá o primeiro golpe, antes do dele.
- **Otávio**: o jovem que diz não ter nascido para morrer na espada de Bruto, e que lhe concede as honras fúnebres.

CÁSSIO

QUEM É

Cássio é o arquiteto da conspiração. Magro e faminto, na descrição de **Júlio César**, lê muito, observa tudo e não se alegra com música nem com jogos. Diz ter salvado César do Tibre quando ele se afogava e vê agora esse homem tratado como deus. Seduz **Bruto** com um espelho, recruta **Casca**, forja cartas para empurrar Bruto e perde, uma a uma, as discussões em que se opõe a ele. Epicurista, passa a dar crédito aos presságios no dia do aniversário, em Filipos, e morre com a espada que atravessou César.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, trabalha Bruto a sós. Diz que ele não vê o próprio rosto e se oferece como o espelho que mostra o que há de oculto nele. Conta que, num dia de vento, César o desafiou a nadar no Tibre revoltado e gritou, no meio, que o salvasse, e que a febre na Espanha fez César tremer e pedir água como uma menina doente. Diz que Roma se curva a um homem fraco, e tira a conclusão para Bruto:

“Men at some time are masters of their fates: / The fault, dear Brutus, is not in our stars, / But in ourselves, that we are underlings”, os homens são às vezes donos do próprio destino: a culpa, caro Bruto, não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos, que somos subalternos (I.2)

Ato I: O triunfo e a sedução de Bruto

Cássio pergunta o que há no nome "César" que não haja no de Bruto, e lembra o Bruto antigo, que não toleraria um rei. Sai de cena dizendo, sozinho, que Bruto é nobre mas seduzível, e que vai lançar pelas janelas dele cartas que pareçam de cidadãos, falando da opinião que Roma tem do nome dele.

Na **cena 3 do Ato I**, na noite de tempestade, caminha com o peito aberto aos raios e diz a Casca que o céu avisa contra um homem que cresceu demais, chama os romanos de decadentes e diz que neles governa o espírito das mães. Ao saber que o Senado quer coroar César, jura matar-se antes de aceitar

a servidão, e diz que a vida cansada nunca falta ao poder de se dispensar. A frase que resume é de uma linha:

“Cassius from bondage will deliver Cassius”, Cássio livrará Cássio da servidão (I.3)

Ato I: O triunfo e a sedução de Bruto

Entrega cartas a Cina, para plantar onde Bruto as ache, e diz a Casca que três partes de Bruto já são deles.

Na **cena 1 do Ato II**, chega com os conspiradores encapuzados, sussurra com Bruto e propõe que Cícero seja sondado. Bruto o recusa, e Cássio aceita. Propõe que Antônio caia junto com César e, vencido por Bruto, ainda diz que o teme. Observa que César se tornou supersticioso nos últimos tempos, ao contrário da opinião que tinha dos sonhos e das cerimônias, e que os prodígios dessa noite podem prendê-lo em casa. Decide que todos irão buscá-lo.

Na **cena 1 do Ato III**, quando Popílio sussurra que deseja sucesso à empresa, Cássio teme que tudo esteja descoberto e diz a Casca que seja rápido, pois, se for descoberto, ele mesmo se mata. Ajoelha-se junto a Bruto para apoiar o pedido de Metelo Címber e, depois do golpe, manda que alguns proclamem a liberdade nos púlpitos. Imagina a cena sendo encenada pelos séculos, em línguas ainda desconhecidas. Quando Bruto concede a Antônio a palavra no funeral, avisa que ele não sabe o que faz e que não gosta daquilo. Na **cena 2 do Ato III**, vai para outra rua dividir a multidão com Bruto.

Na **cena 2 do Ato IV**, em Sardes, chega com seu exército e diz, diante dos soldados, que Bruto o ofendeu, até Bruto pedir que falem na tenda. Na **cena 3 do Ato IV**, protesta contra a punição de Lúcio Pella, aceita mal ser chamado de vendedor de cargos e diz que, em vida, César não ousaria tratá-lo assim. Oferece o peito ao punhal de Bruto: que o fira como feriu César, pois sabe que, mesmo quando mais o odiava, Bruto amava César mais do que a ele. A reconciliação é rápida, e ele pede que Bruto o suporte quando o humor que a mãe lhe deu o faz esquecer. Quando Bruto lhe diz que Pórcia morreu, pergunta como escapou com vida depois de contrariá-lo daquele jeito. Propõe esperar o inimigo, cansá-lo e poupar as forças, e cede ao argumento da maré sem insistir.

Na **cena 1 do Ato V**, o parlamento com Antônio e Otávio vira insulto: chama Otávio de colegial birrento e Antônio de mascarado e festeiro e, chamado de adulator por Antônio, diz a Bruto que agradeça a si mesmo, porque a língua de Antônio não teria ofendido se Cássio tivesse mandado. Diz a Messala que é o dia do aniversário, que passou a dar crédito aos presságios e que as águias que acompanhavam o exército foram trocadas por corvos. Pergunta a Bruto o que fará se perderem e despede-se dele com a frase de que, se não se encontrarem, a despedida foi bem feita.

Na **cena 3 do Ato V**, mata o porta-estandarte que recuava, vê a fuga dos soldados e manda Titínio verificar se as tropas distantes são amigas. Do alto de um monte, Píndaro diz que Titínio foi capturado, e Cássio, achando o amigo perdido, lembra a Píndaro que o capturou na Pártia e que lhe fez jurar obediência, e pede que o mate com a espada que atravessou César, de rosto coberto. Morre dizendo que César está vingado.

TEMAS QUE ENCARNA

Cássio é quem usa a palavra para fazer o outro agir. Além de argumentar contra César, devolve a Bruto uma imagem de Bruto: ele se oferece como espelho, fala do nome, lembra o Bruto antigo, forja as

cartas. Na tempestade, lê o céu como aviso contra César. A sedução funciona porque o outro ainda não sabe de si.

O homem que diz, no começo, que a culpa não está nas estrelas, e que nota a superstição recente de César, é quem, em Filipos, passa a dar crédito aos presságios, no dia em que nasceu e no dia em que morre. Morre por erro de percepção: julga Titínio capturado e se mata antes de saber que o amigo trazia boas notícias.

O tema do Destino e livre-arbítrio passa por Cássio duas vezes, e a peça deixa ver a conveniência: ele nega os sinais quando quer agir e os aceita quando perde. No que o texto mostra, Cássio tem razão sobre Antônio e sobre o funeral e perde as duas discussões para Bruto, que tem a razão mais alta e o julgamento mais frágil. Sobre o Poder, fica a dúvida que o texto não resolve: o ressentimento que César descreve nele, e que ele mesmo confessa quando fala de se curvar a um homem que salvou, convive com a convicção de que Roma se curva a um fraco.

RELAÇÕES

- **Bruto**: o amigo que ele seduz no Ato I, de quem se afasta em Sardes e que o chama de último dos romanos.
- **Júlio César**: o homem a quem diz ter salvado do Tibre e que o aponta como perigoso; morre com a espada que o matou.
- **Casca**: o primeiro que ele ganha na noite da tempestade.
- **Marco Antônio**: o homem que ele quer matar e a quem Bruto poupa, e que o chama de velho Cássio, ainda o mesmo, em Filipos.
- **Otávio**: o jovem que ele chama de colegial birrento diante da batalha.
- **Pórcia**: a esposa de Bruto, cuja morte ele ouve na tenda.

MARCO ANTÔNIO

QUEM É

Marco Antônio é o amigo e braço direito de **Júlio César**, corredor da festa das Lupercais e quem lhe oferece a coroa três vezes. **Cássio** o teme como articulador astuto; **Bruto** o tem por homem de esporte, de farra e de companhia, e o poupa por achar que, sem a cabeça de César, ele só tem a força do braço. Fala com ternura ao corpo, aperta as mãos dos assassinos, pede para falar no funeral e vira a multidão contra eles. Em seguida, junto com **Otávio** e Lépido, marca quem deve morrer e, em Filipos, vence a ala de Cássio e protege Lucílio. No fim, pronuncia o elogio de Bruto.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, na procissão das Lupercais, corre a corrida que César lhe ordenou, com a missão de tocar **Calpúrnia**, e diz que, quando César manda, está feito. Defende Cássio diante de César, dizendo que ele não é perigoso e é um nobre romano. É ele quem oferece a coroa, três vezes, segundo Casca.

Na **cena 1 do Ato II**, não está presente, mas é assunto. Cássio quer que ele caia com César, porque, bem-amado do chefe, pode ser um articulador astuto, e Bruto o poupa: é só um membro de César, dado a esportes, à vida desregrada e à companhia, e, se amar César, tudo o que fará é matar-se de dor. Trebônio diz que ele viverá e rirá disso depois.

Na **cena 1 do Ato III**, é retido fora do Senado por Trebônio e foge para casa, assustado, quando o golpe cai. Manda um criado se ajoelhar diante de Bruto e dizer que ele honra Bruto e que, vivo, Bruto lhe é mais caro que César morto. Chega, vê o corpo e se oferece aos assassinos, dizendo que não encontrará hora tão boa para morrer quanto a da morte de César. Bruto o acolhe, e Antônio aperta a mão de cada um, nomeando todos. Pede perdão a César por ter apertado a mão dos que o mataram e o compara a um cervo atingido por muitos príncipes. Obtém licença para falar no funeral, e Cássio avisa Bruto, sem resultado. Sozinho, jura sobre o corpo, em profecia, que uma praga cairá sobre os homens, que a fúria civil tomará a Itália e que o espírito de César, vindo do inferno com Ate ao lado, soltará os cães da guerra. Manda o criado de Otávio voltar e avisá-lo de que Roma ainda não é segura para ele. Na **cena 2 do Ato III**, depois de Bruto, sobe à tribuna:

*“Friends, Romans, countrymen, lend me your ears; / I come to bury Caesar, not to praise him.”,
amigos, romanos, compatriotas, emprestem-me os ouvidos; venho enterrar César, não elogiá-lo. (III.2)*

Ato III: O assassinato e o Fórum

Repete que Bruto é um homem honrado até a frase virar acusação, lembra que César trouxe prisioneiros cujos resgates encheram os cofres, que chorou pelos pobres e que três vezes recusou a coroa que ele mesmo lhe ofereceu. Diz que prefere não ler o testamento e guarda a leitura para quando a multidão o exigir. Desce, mostra o manto de César, aponta onde passou o punhal de Cássio e onde a faca de Casca abriu o rasgo, e conta que Bruto era o anjo de César. Diz que não é orador, e sim um homem simples que mostra as feridas, as bocas mudas, e pede que falem por ele. Quando a multidão se levanta, ele a detém para ler o testamento: setenta e cinco dracmas a cada cidadão e os jardins de César ao povo. Quando os cidadãos saem para queimar as casas dos conspiradores, diz que agora a desgraça está solta, e que tome o caminho que quiser.

Na **cena 1 do Ato IV**, com Otávio e Lépido, risca os nomes dos que devem morrer e aceita incluir o sobrinho, Públio, em troca do irmão de Lépido. Quando Lépido sai para buscar o testamento, chama-o de homem insignificante, bom para recados, e diz que ele carregará as honras como o burro carrega o ouro, para gemer e suar, e depois será dispensado para pastar. Quando Otávio lembra que Lépido é soldado provado, responde que o cavalo dele também é, e que tem mais dias de vida que o jovem. Avisa que Bruto e Cássio reúnem tropas e que é preciso reforçar a aliança.

Na **cena 1 do Ato V**, em Filipos, discute com Otávio a posição de cada um, ouve que ele impõe a sua, e responde a Bruto no parlamento com o buraco que ele fez no coração de César. Acusa os conspiradores de terem se curvado e adulado como cães antes do golpe e chama Casca de cão que feriu por trás. Na **cena 3 do Ato V**, invade as tendas de Cássio e cerca o resto das tropas dele. Na **cena 4 do Ato V**, ao descobrir que o prisioneiro é Lucílio, e não Bruto, diz que prefere ter homens assim como amigos e manda tratá-lo bem. Na **cena 5 do Ato V**, chega ao corpo de Bruto e diz:

*“This was the noblest Roman of them all. / All the conspirators save only he, / Did that they did in
envy of great Caesar;”, este foi o mais nobre dos romanos. Todos os conspiradores, menos ele, fizeram
o que fizeram por inveja do grande César (V.5)*

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

TEMAS QUE ENCARNA

Antônio usa a palavra como o contrário de Bruto. Bruto fala em prosa, pede que acreditem nele pela honra e oferece um argumento, e Antônio fala em verso, diz que não é orador e troca o argumento por coisas que o povo vê e ganha: o manto, as feridas, o testamento, os dracmas. Repete "Bruto é um homem honrado" até virar ironia. Diante da mesma multidão, um obtém aplauso, o outro obtém ação.

O mesmo homem que sabe quando ler o testamento sabe quando descartar Lépido. Em Roma, Antônio se oferece à morte, fala com ternura ao corpo e aperta as mãos dos assassinos, e, no Ato IV, risca nomes, inclusive o do próprio sobrinho. Cada gesto serve à situação do momento.

O elogio final é o único ponto em que o orador parece não calcular: Antônio reconhece em Bruto o que os outros conspiradores não tinham, e o diz ao inimigo morto, diante de Otávio. A peça deixa aberto se isso é generosidade ou o último gesto de uma retórica que sempre soube o que dizia. O Poder se divide, nesta dupla de vencedores, entre quem fala e quem manda: a cena em que Antônio chama Otávio de César e ouve a ordem dele já mostra por onde o poder vai passar. A Linguagem e narração é a arma de Antônio, e ele a usa para virar o sentido do crime.

RELAÇÕES

- **Marco Antônio:** o general e político romano histórico. O que se descreve aqui é o personagem da peça, e não o homem histórico.
- **Júlio César:** o amigo a quem serve e que enterra com a palavra, e cujo espírito ele invoca para soltar os cães da guerra.
- **Bruto:** o homem que o poupa e a quem ele responde com o elogio do inimigo morto.
- **Cássio:** o único que quis matá-lo, e a quem derrota em Filipos.
- **Otávio:** o jovem aliado que Antônio acha que pode guiar e que não lhe cede a posição em Filipos.
- **Casca:** o conspirador a quem ele chama de cão que feriu César por trás.

JÚLIO CÉSAR

QUEM É

Júlio César é o homem de quem toda a peça fala e que aparece em poucas cenas: festejado em Roma no dia das Lupercais, a quem parte do Senado quer dar a coroa e a quem outra parte decide matar. Tem um ouvido surdo, cai em público num ataque que Casca conta com desprezo, e fala de si como de um nome maior que o homem. Cai no Capitólio, nos Idos de Março, sob as fachadas de **Casca**, de **Cássio** e de **Bruto**, e continua na peça como corpo exposto, como espectro e como força: **Marco Antônio** faz da morte dele uma arma, e Bruto diz, em Filipos, que o espírito de César ainda anda por aí.

TRAJETÓRIA

Antes de entrar em cena, já é o problema. Na **cena 1 do Ato I**, os tribunos Flávio e Marulo tiram os enfeites das estátuas dele e dispersam o povo que o festeja, e Flávio explica que é preciso arrancar as penas da asa de César para que ele não voe alto demais.

Na **cena 2 do Ato I**, na procissão das Lupercais, manda **Calpúrnia** ficar no caminho de Antônio na corrida, porque os velhos dizem que a estéril tocada na caça sagrada perde a maldição, e exige que nenhum rito seja omitido. Um adivinho grita que se cuide dos Idos de Março, ele o manda chegar perto, olha o rosto dele e o despacha: é um sonhador. Na volta da corrida, com o cortejo calado, aponta Cássio a Antônio: magro, faminto, pensa demais, não ouve música e sorri como quem zomba

de si mesmo. Chama tais homens de perigosos, em seguida recua, diz que não o teme e que fala do que se deve temer, pois sempre é César, e pede que Antônio fique à direita, porque o ouvido esquerdo é surdo. A recusa da coroa, três vezes, e o desmaio com espuma na boca chegam por Casca, que conta também que, ao voltar a si, César pediu que atribuissem aquilo à enfermidade dele.

Na **cena 2 do Ato II**, em casa, na manhã dos Idos, resiste a Calpúrnia, que gritou três vezes em sonho que matavam César, e aos augúrios, que não acharam coração no animal sacrificado. Diz que o que o ameaçou nunca viu mais que as costas dele e que o perigo sabe que César é mais perigoso que ele, dois leões nascidos no mesmo dia, ele o mais velho e o mais terrível. Responde ao medo com a frase mais citada da peça sobre ele:

“Cowards die many times before their deaths; / The valiant never taste of death but once”, os covardes morrem muitas vezes antes de morrer; o valente só prova a morte uma vez (II.2)

Ato II: A conspiração e a manhã dos Idos

Cede ao pedido de Calpúrnia, que se oferece como culpada do medo, e manda Décio avisar o Senado. Décio refaz o sonho, dizendo que o sangue da estátua é o sangue novo que Roma vai beber, promete a coroa naquele dia e lembra que os senadores diriam que a sessão foi adiada até a mulher de César ter sonhos melhores, e que César tem medo. César responde que os temores de Calpúrnia parecem tolos e que tem vergonha de ter cedido, pede o manto e recebe em casa os conspiradores, a quem convida para o vinho. Pede a Cina, a Metelo e a Trebônio que fiquem perto dele, e Trebônio responde em aparte que estará tão perto que os amigos de César desejariam que estivesse longe.

Na **cena 1 do Ato III**, diante do Capitólio, o Adivinho lhe diz que os Idos chegaram mas ainda não passaram, e Artemidoro pede que leia primeiro a carta dele, porque trata do que lhe toca mais de perto. César responde que o que toca a ele mesmo será servido por último, e entra no Senado. Metelo Címber se ajoelha pelo irmão banido, e ele recusa: a adulação derrete tolos, não César, que é constante como a estrela do norte, a única sem igual no firmamento. Bruto e Cássio se juntam ao pedido, Cina e Décio insistem, e ele pergunta a Cina se quer levantar o Olimpo. Casca grita que as mãos falem por ele e dá o primeiro golpe no pescoço, os outros o cercam, e o último é de Bruto. César, ao ver o amigo, diz a frase em latim e cai: “então cai, César”.

Morto, não sai da peça. Na **cena 2 do Ato III**, o corpo e o manto furado são o argumento de Antônio diante do povo. Na **cena 3 do Ato IV**, aparece como espectro a Bruto, na tenda, diz ser o mau espírito dele e promete que o verá em Filipos. Na **cena 3 do Ato V**, Cássio morre com a espada que atravessou César e diz que ele está vingado, e Bruto exclama, ao ver os corpos de Cássio e de Titínio:

“O Julius Caesar, thou art mighty yet! / Thy spirit walks abroad, and turns our swords / In our own proper entrails.”, ó Júlio César, tu és poderoso ainda! O teu espírito anda por aí e vira nossas espadas contra as nossas próprias entranhas (V.3)

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

Na **cena 5 do Ato V**, Bruto conta a Volúmnio que o espectro lhe apareceu duas vezes, em Sardes e em Filipos, e, ao se lançar sobre a espada, pede a César que descanse.

TEMAS QUE ENCARNA

César fala de si como de uma instituição. "Sempre sou César" na **cena 2 do Ato I**, "César sairá" na **cena 2 do Ato II**, "César não comete injustiça" na **cena 1 do Ato III**: o nome entra na frase no lugar do pronome. No mesmo tom, diz que não teme nada e que apenas aponta o que se deve temer, e chama de covardia o receio que Calpúrnia lhe oferece.

O sonho de Calpúrnia e os augúrios dizem uma coisa, e Décio diz outra. O que o faz sair de casa é o receio de parecer covarde diante do Senado e a promessa da coroa, e ele mesmo havia dito que a morte vem quando vem.

O título dá a peça ao homem que morre na primeira cena do Ato III, e a peça sabe disso. Depois do assassinato, ele continua agindo por três vias: o corpo que Antônio usa, o espectro que acompanha Bruto e o nome que Cássio e Bruto ainda invocam ao morrer. O Poder dele não termina com a vida, e é nisso que a tese do tiranicídio se desfaz: o ato que devia acabar com César o multiplica.

RELAÇÕES

- **Júlio César**: o homem histórico, o ditador assassinado nos Idos de Março de 44 a.C. O que se descreve aqui é o personagem da peça, construído por Shakespeare para o palco, e não o retrato do ditador romano.
- **Calpúrnia**: a esposa, que pede que ele fique em casa e é desfeita pela lisonja de Décio; ele a manda ficar no caminho de Antônio na corrida das Lupercais.
- **Bruto**: o amigo que lhe dá o último golpe, e a quem o espectro promete reencontrar em Filipos.
- **Cássio**: o magro e faminto que ele aponta como perigoso, e que morre com a espada que o matou.
- **Marco Antônio**: o amigo que corre as Lupercais, que lhe oferece a coroa e que o enterra com a palavra.
- **Casca**: dá o primeiro golpe, e é quem conta a cena da coroa.
- **Otávio**: aquele que ele mandara chamar a Roma e que, em Filipos, jura que a espada não volta à bainha até as feridas de César serem vingadas.

PÓRCIA

QUEM É

Pórcia é a esposa de **Bruto** e a filha de Catão, e é assim que se apresenta quando exige saber o segredo do marido: mulher, mas mulher de linhagem e de provas dadas. Fala em duas cenas, na madrugada dos Idos e na manhã em que espera notícias do Capitólio, e depois é a morte que Bruto conta a **Cássio** na tenda.

TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato II**, sai da cama atrás de Bruto, no pomar, depois que os conspiradores se foram, e lembra que ele se levantou do jantar na véspera, deu olhares ásperos, não respondeu e a mandou embora com um gesto. Pergunta qual é a doença que ele esconde e ajoelha-se: pelo voto que os fez um, ela quer saber quem são os homens que o visitaram de rosto escondido. Pergunta se, no casamento, está excluída dos segredos, e diz que, se for só isso, é a meretriz de Bruto, não a esposa. Quando ele responde que ela é a esposa honrada, retruca que, se fosse, saberia o segredo. Afirma que é mulher, mas mulher de Bruto, e filha de Catão, e prova a constância com uma ferida que deu a si

mesma na coxa. Bruto pede aos deuses que o façam digno dessa mulher, promete contar tudo e manda que ela entre.

Na **cena 4 do Ato II**, na manhã dos Idos, manda Lúcio ao Senado ver como está Bruto, mas quase deixa escapar o motivo da aflição. Diz, em aparte, que tem a mente de um homem, mas a força de uma mulher, e que é difícil a mulheres guardar segredo:

“I have a man’s mind, but a woman’s might”, tenho a mente de um homem, mas a força de uma mulher (II.4)

Ato II: A conspiração e a manhã dos Idos

Interroga o Adivinho, que quer avisar César e teme ser esmagado pela multidão, e reza pelo êxito do marido. Sozinha, sente-se desfalecer e manda Lúcio de volta, com a ordem de trazer notícias.

Na **cena 3 do Ato IV**, Bruto diz a Cássio que ela morreu: impaciente com a ausência dele e aflita com a notícia de que Otávio e Antônio tinham ficado fortes, enlouqueceu e, sem ninguém por perto, engoliu fogo. Cássio se espanta e Bruto pede que não se fale mais dela. Pouco depois, ao ouvir de Messala a confirmação, aceita a perda como um romano.

TEMAS QUE ENCARNA

Pórcia exige o que o casamento lhe dá: ser tratada como a metade de Bruto, e não como quem vive nos arredores do bem-querer dele. Apoia o pedido na linhagem de Catão e na ferida na coxa. Na **cena 4 do Ato II**, a firmeza que mostrou diante do marido não suporta o suspense, e ela mesma o confessa.

Pórcia e Calpúrnia fazem o mesmo gesto a dois maridos que decidem por si: ajoelham-se e pedem em nome do casamento, uma que o marido não saia, a outra que ele conte o que esconde. Bruto promete contar e a peça não o mostra cumprindo. A morte dela é contada por Bruto a Cássio como notícia de uma perda, e depois Bruto ouve de Messala a confirmação, com a mesma calma, como se não soubesse; a peça não explica a diferença. Pórcia e os conspiradores pedem confiança na mesma moeda: a Honra e reputação de quem diz que sabe guardar um segredo.

RELAÇÕES

- **Bruto**: o marido, de quem exige o segredo e por quem espera, e cuja ausência a leva à loucura, segundo ele.
- **Calpúrnia**: a esposa do outro lado, que pede a César o contrário, e é desfeita pela lisonja de Décio.
- **Cássio**: ouve de Bruto a notícia da morte dela e pergunta como escapou com vida depois de contrariá-lo.

CALPÚRNIA

QUEM É

Calpúrnia é a esposa de **Júlio César**, e é dela a tentativa de impedi-lo de ir ao Capitólio nos Idos de Março. Gritou em sonho, três vezes, que matavam César, e conta a ele os prodígios da noite. Na procissão das Luperciais, é a ela que César dirige a primeira ordem: ficar no caminho de Antônio, para ser tocada e deixar a esterilidade.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, na procissão das Lupercais, César a manda ficar no caminho de **Marco Antônio** na corrida, para que ele a toque e ela perca a maldição da esterilidade, porque assim dizem os velhos. Quando o cortejo volta, **Bruto** nota que a face dela está pálida.

Na **cena 2 do Ato II**, na manhã dos Idos, diz a César que ele não sairá de casa naquele dia. Ela, que nunca se prendeu a cerimônias, agora tem medo: conta que uma leoa pariu nas ruas, que túmulos se abriram e devolveram os mortos, que guerreiros em chamas lutaram nas nuvens e que a chuva sobre o Capitólio era de sangue. Diz que, quando morrem mendigos, não se veem cometas, e que os próprios céus anunciam a morte de príncipes. César responde que os covardes morrem muitas vezes, e que a morte vem quando vem. Ela volta ao argumento: a sabedoria dele está consumida pela confiança. Ajoelha-se e pede que ele chame o medo de dela, e não dele, e que mandem Antônio ao Senado para dizer que César está doente. César cede, mas, quando Décio chega, mantém a recusa só pela vontade e só depois diz a razão: ela sonhou com a estátua dele, jorrando sangue por cem bicas, e muitos romanos sorrindo se lavavam nele. Calpúrnia insiste em que ele diga que está doente, e César responde que não mandará uma mentira. Décio refaz o sonho, e ela não fala mais. César, envergonhado de ter cedido, pede o manto.

TEMAS QUE ENCARNA

O sonho tem dois sentidos na mesma cena, e quem decide qual vale é Décio. Para Calpúrnia, o sangue na estátua é aviso de morte, para Décio é promessa de renovação para Roma. O argumento que a razão de César havia rejeitado, o dos prodígios, cai por uma frase sobre o medo do riso dos senadores.

Calpúrnia é o presságio com voz, e perde para Décio, que sabe dar ao sonho o sentido que César quer ouvir: o tema da Linguagem e narração aparece aqui como disputa sobre o que um mesmo sonho significa. Ela aparece em espelho com **Pórcia**, e as duas se ajoelham diante do marido e pedem em nome do casamento. Sobre o Destino e livre-arbítrio, fica a pergunta que a peça não responde: o aviso era o destino se anunciando, ou apenas o medo de uma mulher que conhecia o marido.

RELAÇÕES

- **Júlio César**: o marido, que lhe cede um instante e depois a desmente, dizendo que os temores dela são tolos.
- **Marco Antônio**: a quem César pede que a toque na corrida e a quem ela propõe enviar ao Senado.
- **Pórcia**: a outra esposa, que pede ao marido o contrário: que lhe conte o que esconde.

CASCA

QUEM É

Casca é o conspirador de língua afiada e modos rudes. **Bruto** estranha a grosseria que ele passou a ter desde a escola, e **Cássio** a chama de molho de um bom juízo. É quem conta a Bruto e a Cássio o que aconteceu na festa das Lupercais, com o desprezo de quem desmonta um espetáculo, e quem dá o primeiro golpe em **Júlio César** no Capitólio.

TRAJETÓRIA

Na **cena 2 do Ato I**, Bruto o puxa pelo manto quando o cortejo de César passa, e Casca conta que Antônio ofereceu uma coroa, três vezes, e que César a recusou, cada vez com mais suavidade. Diz que não prestou atenção, porque tudo aquilo era bobagem, e que mesmo assim, a seu ver, César a queria. Descreve a multidão aplaudindo como se aplaude atores, os barretes suados jogados ao ar, o hálito fétido dos que gritaram a ponto de César desmaiar e espumar. Sobre Cícero, diz que falou grego, e que, para ele, era grego: quem entendeu sorria e balançava a cabeça. Avisa que Flávio e Marulo foram silenciados por tirar os enfeites das estátuas. Quando Cássio o convida para jantar, responde que sim, se estiver vivo, se Cássio mantiver a opinião e se o jantar valer. Depois que ele sai, Bruto estranha a grosseria, e Cássio responde que ela é o molho do juízo dele.

Na **cena 3 do Ato I**, na noite de tempestade, corre com a espada na mão ao encontro de Cícero e conta os prodígios: um escravo cuja mão esquerda ardeu como vinte tochas sem queimar, um leão que o encarou e passou sem tocá-lo no Capitólio, cem mulheres que juraram ter visto homens em fogo. Cícero responde que os homens interpretam os fatos a seu modo, e vai embora. Cássio o encontra e o acha lento. Casca diz que cada servo tem na própria mão o poder de cancelar o cativo, aceita a mão de Cássio e promete ir tão longe quanto o mais longe. Depois, comenta que Bruto está alto no coração do povo e que o que em outros seria ofensa será virtude nele.

Na **cena 1 do Ato II**, chega com os outros, encapuzados, e discute com Décio e Cina de onde vem o sol. Defende incluir Cícero e, ouvindo Bruto, concorda que ele não serve. Na **cena 2 do Ato II**, vem com Bruto buscar César, que o cumprimenta pelo nome. Na **cena 1 do Ato III**, é quem diz "Falem, mãos, por mim" e dá o primeiro golpe, no pescoço, e depois pede a Bruto que vá ao púlpito. Diz que quem corta vinte anos de vida corta outros tantos anos de medo da morte.

Não aparece mais em cena depois disso. Na **cena 2 do Ato III**, Antônio mostra o rasgo no manto e diz que foi a faca do invejoso Casca. Na **cena 1 do Ato V**, o chama de cão que feriu César por trás.

TEMAS QUE ENCARNA

Casca é o que conta e é o que age, e as duas coisas combinam: na **cena 2 do Ato I**, desmonta o ritual com desprezo, e na **cena 1 do Ato III**, abre o ritual do assassinato com uma frase curta, "falem, mãos, por mim". Cina o lembra de que ele será o primeiro a erguer a mão, e ele é.

A cena da coroa, o fato mais grave de Roma naquele dia, chega ao leitor pelo narrador mais hostil possível: Casca não gosta de César, não gosta do povo e não gosta de contar. O que ele conta é o desprezo e a dúvida, e não o que viu: nem ele sabe se César queria a coroa. A Linguagem e narração da peça começa com quem não quer narrar, e no Ato III a Lealdade e traição se faz com uma frase só. Na noite de tempestade, Casca lê os prodígios como sinal do céu, e Cássio lê os mesmos prodígios como sinal contra César: a leitura serve a quem a faz.

RELAÇÕES

- **Cássio**: quem o recruta na noite da tempestade, depois de tê-lo achado lento, e quem manda Bruto puxar Casca pelo manto para saber o que aconteceu.
- **Bruto**: quem o puxa pelo manto para ouvir a cena da coroa, e a quem ele manda ao púlpito depois do golpe.
- **Júlio César**: a vítima, que o cumprimenta pelo nome na manhã dos Idos e cai com o primeiro golpe dele.

- **Marco Antônio:** quem o chama de cão que feriu César por trás.

OTÁVIO

QUEM É

Otávio é o jovem que **Júlio César** mandou chamar a Roma e que **Marco Antônio** trata como aliado a quem avisa o que fazer. Só entra em cena no Ato IV, e em Filipos é ele quem fecha a peça: impõe a sua posição ao companheiro, jura que a espada não volta à bainha antes que as feridas de César sejam vingadas e é quem manda dar honras fúnebres ao vencido. Vive pouco em cena e diz pouco, mas o que diz mostra o rumo do poder.

TRAJETÓRIA

Na **cena 1 do Ato III**, ainda fora de cena, é lembrado por Antônio, que diz que César havia escrito para ele vir a Roma e manda o criado de Otávio voltar e avisá-lo de que Roma ainda não é segura. Na **cena 2 do Ato III**, depois do funeral, já está em Roma, em casa de César, com Lépido, e Antônio vai encontrá-lo.

Na **cena 1 do Ato IV**, ao lado de Antônio e Lépido, risca os nomes dos que devem morrer. É ele quem pergunta a Lépido se consente na morte do próprio irmão. Quando Antônio chama Lépido de homem insignificante, lembra que Antônio o achou bom o bastante para decidir com ele quem morreria e que ele é um soldado provado. Concorde em fortalecer a aliança, dizendo que estão cercados de inimigos e que alguns que sorriem trazem milhões de males no coração.

Na **cena 1 do Ato V**, nas planícies de Filipos, quando Antônio manda que ele conduza a ala esquerda, responde que fica à direita, e diz, ao ser repreendido, que não o contraria, mas que o fará. No parlamento, manda Antônio esperar o sinal e responde a Bruto que não é por amar as palavras mais do que ele. Diz que, se discutir faz suar, a prova virará gotas vermelhas, e saca a espada contra os conspiradores. Promete que ela não volta à bainha até que as trinta e três feridas de César sejam vingadas, ou até que outro César tenha acrescentado a matança à espada dos traidores. Responde a Bruto que não nasceu para morrer pela espada dele, e Cássio o chama de colegial birrento.

Na **cena 5 do Ato V**, chega ao corpo de Bruto com Antônio e Messala e ouve de Estratão, que responde a Messala, que Bruto venceu a si mesmo. Diz que aceita ao serviço dele todos os que serviram Bruto e convida Estratão. Depois do elogio de Antônio, diz que o tratem segundo a virtude dele, com os ritos de funeral, que os ossos fiquem aquela noite na tenda do próprio Otávio e que o campo seja posto em repouso. Fecha a peça.

TEMAS QUE ENCARNA

Otávio mostra, em poucas falas, o poder de quem já sabe que vai mandar. Não argumenta, impõe: a ala direita, o sinal de ataque, a ordem de recolher o campo. Em Filipos, quando Antônio, o mais velho, tenta guiá-lo, ele responde que não o contraria, mas que o fará.

A peça termina com a ordem dele, e não com a morte de Bruto nem com o elogio de Antônio. O que os conspiradores queriam era livrar Roma de um homem só no poder, e o que a peça deixa no fim é um jovem que ela mesma chama de César e que não aceita ser contrariado. O Poder que o texto deixa em cena, depois do tiranicídio, é o dele. A Política da peça fecha com a continuidade do nome: Antônio o chama de César, e a peça lhe dá a última ordem.

RELAÇÕES

- Augusto: o futuro primeiro imperador de Roma, que a história conhece como Otaviano na época de Filipos. O que se descreve aqui é o personagem da peça, o jovem que aparece junto a Antônio, e não o político histórico.
- **Marco Antônio**: o aliado mais velho, com quem disputa a posição na batalha e de quem não aceita ordens.
- **Júlio César**: aquele a quem Antônio diz que escreveu para que viesse a Roma, e cujas feridas Otávio jura vingar.
- **Bruto**: o inimigo que lhe diz que ele não morreria à espada dele, e a quem concede honras fúnebres.
- **Cássio**: o general que o chama de colegial birrento diante da batalha.

SÍMBOLOS

OS IDOS DE MARÇO

O QUE É

A data de março contra a qual um adivinho previne César e que a peça trata como prazo: o dia em que o Senado se reúne e César é morto. Antes de chegar, é anunciada; depois, vira a marca de tudo o que veio do assassinato.

ONDE APARECE

Na **cena 2 do Ato I**, na procissão das Lupercais, um adivinho grita do meio da multidão que César se guarde dos Idos de Março. César o manda chegar perto, ouve a mesma frase de novo e o despacha como sonhador.

Na **cena 1 do Ato II**, na madrugada, Bruto pergunta a Lúcio se o dia seguinte não são os Idos e o manda olhar o calendário. Lúcio volta e diz que março já gastou quinze dias.

Na **cena 1 do Ato III**, a caminho do Capitólio, César diz ao Adivinho que os Idos de Março chegaram, e ele responde que chegaram, mas ainda não passaram.

Na **cena 3 do Ato IV**, na briga da tenda, Bruto manda Cássio lembrar março, os Idos de março: se César sangrou por justiça, nenhum dos que o feriram pode agora sujar as mãos com suborno.

Na **cena 1 do Ato V**, antes da batalha, Bruto diz que aquele mesmo dia há de terminar a obra que os Idos começaram.

“But this same day / Must end that work the Ides of March begun;”, mas este mesmo dia há de terminar a obra que os Idos de Março começaram (V.1)

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

O QUE SIGNIFICA

A data cumpre três papéis. No começo é aviso, repetido duas vezes e desprezado por César; no meio é lembrete moral, que Bruto usa para recusar o suborno de Cássio; no fim é origem, a marca de um ciclo que só Filipos fecha. O Adivinho da cena do Capitólio dá a medida: a data chegou, mas não passou.

A peça trata o dia como prazo que ninguém usa: César o chama de sonho, Bruto o consulta no calendário para saber quanto falta, e depois da morte ele é invocado como justificação. Do aviso à justificação, a data passa de coisa que se podia evitar a coisa que se explica.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Destino e livre-arbítrio, Honra e reputação.
- Personagens: **Júlio César**, **Bruto**, **Cássio**.
- Símbolos vizinhos: **Os presságios**, onde os sinais do céu acompanham o aviso; **O espectro de César**, que reabre a data em Filipos.

OS PRESSÁGIOS

O QUE É

Os sinais do céu, da terra e dos sonhos que a peça distribui em torno do assassinato: a tempestade de fogo, o leão solto na rua, a ave noturna em pleno dia, o animal sacrificado sem coração, os sonhos de Calpúrnia e do poeta Cina, as águias trocadas por corvos. Ninguém lê o mesmo sinal do mesmo jeito.

ONDE APARECE

Na **cena 3 do Ato I**, numa noite de tempestade, Casca conta a Cícero o que viu: um escravo cuja mão ardia sem queimar, um leão que passou sem lhe fazer mal, mulheres que juravam ter visto homens em chamas, a ave noturna no mercado ao meio-dia. Cícero responde que os homens interpretam os fatos a seu modo, e Cássio, sob os mesmos raios, lê neles um aviso do céu contra um homem que cresceu demais.

Na **cena 1 do Ato II**, Bruto lê a carta anônima à luz dos meteoros que cortam o ar.

Na **cena 2 do Ato II**, Calpúrnia relata o que a guarda viu: uma leoa que pariu na rua, túmulos abertos, guerreiros de fogo que lutam nas nuvens e pingam sangue sobre o Capitólio, e conta o sonho em que a estátua de César jorrava sangue. Os augúrios não acharam coração no animal sacrificado. César responde que o que os deuses decidiram não se evita e chama de covardia o medo; Décio reinterpreta o sonho como sinal de que Roma beberá a vida de César.

“Cowards die many times before their deaths; / The valiant never taste of death but once”, os covardes morrem muitas vezes antes de morrer; o valente só prova a morte uma vez (II.2)

Ato II: A conspiração e a manhã dos Idos

Na **cena 3 do Ato III**, o poeta Cina sai de casa depois de sonhar que jantava com César, sem vontade e sem saber por que, e a turba o mata pelo nome.

Na **cena 1 do Ato V**, Cássio, que seguia Epicuro, confessa que passou a dar crédito em parte ao que anuncia o futuro: as duas águias que acompanharam o exército até Filipos sumiram, e corvos, gralhas e milhafres voam sobre as tropas como sobre uma presa doente. Messala pede que ele não creia, e Cássio diz que crê só em parte.

O QUE SIGNIFICA

Cada sinal serve a quem o lê. Cássio o usa como aviso do céu contra César, mas já tinha dito que a culpa não está nas estrelas; Décio inverte o sonho de Calpúrnia a favor da saída de César; Cícero lembra que os homens leem as coisas fora do propósito delas. O único que muda de ideia é o próprio Cássio, no Ato V, quando o epicurista passa a crer.

Os presságios da peça não decidem nada, mas todos os que os leem agem conforme a leitura: César sai porque Décio troca o sinal, Cássio conspira porque a tempestade lhe convém, e é só quando o fim chega que o descrente trata o céu como prova.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Destino e livre-arbítrio, Linguagem e narração.
- Personagens: Calpúrnia, Casca, Cássio, Júlio César.

- Símbolos vizinhos: **Os Idos de Março**, o aviso que o adivinho dá em voz humana; **O espectro de César**, o último dos sinais.

O ESPECTRO DE CÉSAR

O QUE É

A aparição de César morto a Bruto, e depois a ideia de que o espírito dele continua agindo depois da morte do corpo. A peça mostra a visão uma vez, e todo o resto do Ato V a trata como verdade.

ONDE APARECE

Na **cena 3 do Ato IV**, depois da reconciliação na tenda, Bruto fica acordado com os criados adormecidos. O espectro entra, diz que é o mau espírito dele e promete reencontrá-lo em Filipos. Bruto responde que o verá lá; quando acorda os criados, nenhum viu nada.

Na **cena 3 do Ato V**, diante do corpo de Titínio, Bruto exclama que César ainda é poderoso e que o seu espírito anda por aí, virando as espadas dos romanos contra as próprias entranhas. Pouco antes, Cássio, ao morrer, tinha dito a César que estava vingado com a mesma espada que o matara.

“O Julius Caesar, thou art mighty yet! / Thy spirit walks abroad, and turns our swords / In our own proper entrails.”, ó Júlio César, tu és poderoso ainda! O teu espírito anda por aí e vira nossas espadas contra as nossas próprias entranhas (V.3)

Ato V: Filipos e a morte de Bruto

Na **cena 5 do Ato V**, cercado, Bruto diz a Volúmnio que o espectro de César lhe apareceu duas vezes, uma em Sardes e outra na véspera em Filipos, e que sua hora chegou. Ao se lançar sobre a espada, diz a César que já pode descansar.

O QUE SIGNIFICA

O espectro não discute a decisão de marchar a Filipos nem dá ordens: marca um encontro. Depois disso, o Ato V passa a explicar as mortes pelo espírito de César. Cássio morre com a espada que atravessou César, Bruto reconhece o espírito agindo na confusão da batalha, e a morte de Bruto é tratada por ele como a hora prometida.

A peça nunca confirma que César volta. Só Bruto o vê, e quem o ouve falar dele no fim já não distingue o espectro da própria decisão de morrer. O símbolo faz com que a morte de Bruto pareça ao mesmo tempo ordem de fora e escolha dele.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Destino e livre-arbítrio, Lealdade e traição.
- Personagens: **Júlio César**, **Bruto**, **Cássio**.
- Símbolos vizinhos: **Os presságios**, de que ele é o último; **Os Idos de Março**, a data que o espectro reabre em Filipos.

A COROA RECUSADA

O QUE É

A coroa que Antônio oferece a César nas Lupercais e que ele recusa três vezes. A peça nunca mostra a cena: ela chega contada, e depois reaparece em cada discussão sobre se César queria ser rei.

ONDE APARECE

Na **cena 2 do Ato I**, Casca conta a Bruto e a Cássio que Antônio ofereceu a coroa três vezes e que César a afastou três vezes, cada vez com mais suavidade, e que o povo gritou a cada recusa. Casca diz que não prestou atenção, que tudo era bobagem, e mesmo assim acha que César a queria.

Na **cena 3 do Ato I**, Casca diz a Cássio que os senadores pretendem estabelecer César como rei no dia seguinte, e Cássio responde que sabe onde levará o punhal.

Na **cena 1 do Ato II**, no pomar, Bruto raciocina que César seria coroado e que isso poderia mudar a sua natureza; sem causa pessoal contra ele, decide a morte pelo que a coroa o faria ser.

“And therefore think him as a serpent’s egg / Which hatch’d, would, as his kind grow mischievous; / And kill him in the shell”, e portanto pense nele como num ovo de serpente que, chocado, se tornaria nocivo, como é da sua espécie; e mate-o na casca (II.1)

Ato II: A conspiração e a manhã dos Idos

Na **cena 2 do Ato II**, Décio diz a César que o Senado resolveu dar-lhe uma coroa naquele dia, e usa a oferta para convencê-lo a sair de casa.

Na **cena 2 do Ato III**, no Fórum, Antônio lembra ao povo que, nas Lupercais, ofereceu a César uma coroa três vezes e ele a recusou três vezes, e pergunta se isso era ambição. Um cidadão conclui que, se ele não quis a coroa, não era ambicioso.

O QUE SIGNIFICA

A coroa é o único fato público que prova ou desmente a ambição de César, e cada cena a usa a favor de quem fala. Casca a desmonta como farsa, Cássio a transforma em prazo, Bruto a transforma em previsão, Décio a transforma em isca, e Antônio a transforma em defesa. Ninguém sabe se César a queria, e a peça não responde.

O assassinato é decidido por uma coroa que César recusou. A peça mostra que a recusa pode ter sido sincera ou teatro, e que a morte não depende de qual das duas: o que decide é a leitura que Bruto faz do que a coroa tornaria César.

RELAÇÕES

- Temas-padrão: Poder, Política, Linguagem e narração.
- Personagens: **Júlio César**, **Marco Antônio**, **Casca**, **Bruto**, **Cássio**.
- Símbolos vizinhos: **Os Idos de Março**, a data em que a coroa devia ser dada.

DISCUSSÕES

A OBRA INTEIRA

No Ato II, Bruto admite não ter motivo pessoal contra César e decide pelo que ele poderá vir a ser. É legítimo matar para impedir um mal que ainda não se consumou?

O idealismo de Bruto é virtude ou cegueira?

Quem move a história na peça? Em que momentos pesa mais a ação, e em que momentos a palavra?

Cássio diz que a culpa não está nas estrelas, mas em nós, e depois lê a tempestade como sinal. O que a peça faz com o Fado?

No Ato V, Bruto chama de covarde o suicídio de Catão e, no fim, se mata. O que a peça dá como razão?

ATO I: O TRIUNFO E A SEDUÇÃO DE BRUTO

Bruto diz amar César e, ao mesmo tempo, teme que o povo o faça rei. O que a conversa com Cássio faz com esse temor?

Casca e Cícero veem a mesma noite de prodígios e tiram conclusões diferentes. O que cada um faz com os sinais?

ATO II: A CONSPIRAÇÃO E A MANHÃ DOS IDOS

Bruto diz não ter motivo pessoal contra César e justifica a morte pelo que ele poderia se tornar. O que torna essa razão forte, e o que a torna frágil?

Calpúrnia e Décio pedem a César coisas opostas. O que dá ao apelo de um mais força que ao do outro?

ATO III: O ASSASSINATO E O FÓRUM

Bruto concede a Antônio a palavra no funeral, contra o conselho de Cássio. O que ele parece esperar dessa concessão?

Bruto e Antônio falam à mesma multidão em poucos minutos e obtêm reações opostas. O que cada um pede ao povo que faça com o que ouve?

ATO IV: A DISCÓRDIA NO ACAMPAMENTO

O que a conversa sobre Lépido mostra do modo como esses três pretendem dividir o poder entre si?

Cássio propõe esperar o inimigo e Bruto decide marchar logo a Filipos. Que argumento de cada um lhe parece mais forte?

ATO V: FILIPOS E A MORTE DE BRUTO

Bruto diz achar covarde matar-se por medo do que pode vir, mas recusa ser levado preso a Roma. Como as duas coisas que ele diz se conciliam, ou não se conciliam?

Por que Titínio se mata em vez de apenas lamentar Cássio?

Antônio diz que Bruto foi o único conspirador movido pelo bem comum. Com o que a peça mostrou, você concorda?